



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS - IHL
CAMPUS DOS MALÊS**

MAMADU SEIDI

**MOVIMENTO PAN-AFRICANO E VISÕES
PAN-AFRICANISTAS DE AMÍLCAR LOPES CABRAL**

**SÃO FRANCISCO DO CONDE
2016**

MAMADU SEIDI

**MOVIMENTO PAN-AFRICANO E VISÕES
PAN-AFRICANISTAS DE AMÍLCAR LOPES CABRAL**

Trabalho de conclusão do curso de humanidades apresentado à universidade de integração internacional da lusofonia afro-brasileira como pré-requisito para obtenção parcial de créditos em bacharelado em humanidades sob orientação do Prof. Dr. Pedro Acosta Leyva.

Orientador: Dr. Pedro Acosta Leyva

**SÃO FRANCISCO DO CONDE
2016**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

S46m

Seidi, Mamadu.

Movimento Pan-africano e visões pan-africanistas de Amílcar Lopes Cabral / Mamadu Seidi. - 2016.

58 f. : il. mapas, color.

Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2016.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Acosta Leyva.

1. África - História - Movimentos de autonomia e independência. 2. Movimento Pan-africano. 3. Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde. I. Cabral, Amílcar Lopes - Crítica e interpretação. II. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 960

MAMADU SEIDI

**MOVIMENTO PAN-AFRICANO E VISÕES
PAN-AFRICANISTAS DE AMÍLCAR LOPES CABRAL**

Trabalho de conclusão do curso de humanidades apresentado à universidade da integração internacional da lusofonia afro-brasileira como pré-requisito para obtenção parcial de créditos em bacharelado em humanidades sob orientação do Prof. Dr. Pedro Acosta Leyva.

SÃO FRANCISCO DO CONDE 30/11/2016

Banca Examinadora

Prof(a). Nome da Instituição de Origem

Prof(a). Nome da Instituição de Origem

Prof(a) Orientador. Nome da Instituição de Origem

*Dedico este trabalho a memoria dos meus pais
Bacar Seidi e Maria da Costa que as suas
almas se encontram paz. E o meu tio Guerra
Sanhá.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que contribuíram no decorrer deste processo, em especial: a Deus, pela vida e saúde que me concedeu.

À minha família que sempre está comigo mesmo distante, do outro lado do oceano atlântico, sinto a presença deles.

Ao meu irmão mais velho, Infale Seidi, quem sempre acreditou na educação como arma de salvação. Aos professores (a) Patrícia Gomes Godinho, Cristiane Souza Santos e Karl Gerhard Seibert pelo apoio.

Ao meu orientador, professor Dr. Pedro Acosta Leyva, que teve papel fundamental na elaboração deste trabalho.

Aos meus professores da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB) e, por fim, e não menos importante, aos meus colegas estudantes pela disponibilidade de me auxiliar em vários momentos.

O que quer o homem africano é ter e nós citamos, a sua própria expressão política e social, mas nós chamamos a isso a independência, quer dizer, a sua própria expressão política e social, para construir ele mesmo, na paz e na dignidade a custa do seu próprio esforço e sacrifício, marchando com os seus próprios pés e guiado pela sua própria cabeça o progresso a que tem direito como todos os povos do mundo”

(LOPES CABRAL)

RESUMO

Este trabalho objetiva estudar o contexto no qual nasceu a ideologia pan-africanista assim como suas evoluções e diferentes formas que esta ideologia vai tomar ao longo do tempo. Além disso, estas ideias pan-africanistas vão ser apontadas na ideologia político de Amílcar Lopes Cabral, líder da luta pela independência de Guiné e Cabo-verde. Tudo isso, para mostrar como este ideal ajudou na conscientização política e na mobilização das massas populares africanas no processo de luta de libertação dos povos africanos. A partir de década de 1940 até a década 1970 o pan-africanismo vai marcar os discursos de alguns líderes africanos, engajados na ideologia de reconstrução da África e na garantia de autonomia dos povos africanos. É obvio que os problemas que os pan-africanistas se viam como perigo para África ainda estão bem presentes, divisões e conflitos internos, dependência econômica dos países africanos, instabilidade política. Mesmo após quase um pouco mais de 50 anos das independências ainda estes problemas não foram superados. A recuperação e valorização das memórias pan-africanistas podem ser úteis no que diz respeito a uma convivência harmoniosa nos dias de hoje dos povos africanos e avanço de África.

Palavras-chave: Liberdade. Solidariedade. Reafricanização. Autonomia. Unidade. Pan-africanismo.

ABSTRACT

This work aims to study the context in which pan-Africanist ideology appeared likewise its evolutions and as well the different shapes that this ideology will take during the times. In addition, these pan-Africanists ideas will be pointed in Amílcar Lopes Cabral's political ideology, leader of the struggle for independence of Guinea-Bissau and Cape-Verde. All this, is to show how this ideal helped in mobilization and political consciousness of African popular masses during the process of struggle for independence of African peoples. From the decade of 1940 to the decade of 1970 pan-Africanism will mark the speeches of some Africans leaders, engaged in reconstruction of Africa and in assurance of African people's autonomy. It is clear the problems that had been pointed as the danger for African societies by these pan-Africanists are still present, the internal conflicts and divisions, African countries economic dependence, political instability. It is now almost more than 50 years since African countries got their independences but these are still alive. Bringing back these pan-Africanists memories and as well its appreciation may be useful in which has to do with African people today's harmonious coexistence.

Keywords: Freedom. Solidarity. Reafricanization. Autonomy. Pan-Africanism.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EUA	Estados Unidos de América
FLING	Frente da Luta Pela Independência Nacional da Guiné
FRAIN	Frente Revolucionária Africana Para Independência Nacional das Colônias Portuguesas
FRELIMO	Frente de Libertação de Moçambique
IASB	International African Bureau Service
MAC	Movimento Africano Anticolonial
MING	Movimento da Independência Nacional da Guiné
MLG	Movimento da Libertação da Guiné
MPLA	Movimento Popular da Libertação de Angola
ONU	Organização das Nações Unidas
OUA	Organização Para União Africana
PAI	Partido Africano Para Independência
PAIGC	Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo-Verde
PIDE	Polícia Internacional da Defesa do Estado
UA	União Africana
UNIA	Universal Negro Improvement Association
UPA	União dos Povos de Angola
W.E. B Du Bois	William Edward Burghardt du Bois

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	CAPÍTULO 1: OS PROTOS PAN-AFRICANISTAS	16
2.1	ALEXANDER CRUMMEL	16
2.2	EDWARD WILMOT BLYDEN E IDEIAS PAN-AFRICANISTAS; NEGRO NO ISLÃ E NO CRISTIANISMO	18
2.3	DUSÉ MOHAMED ALI E “AFRICAN TIMES AND ORIENT VIEWS”	20
2.4	PAN-AFRICANISMO EM MALCOLM IVAN MEREDITH NURSE (GEORGE PADMORE)	22
3	CAPITULO II: OS TRÊS GRANDES PAN-AFRICANISTAS: MARCUS MOSIAH GARVEY, W. E. B DU BOIS E KWAME NKRUMAH	25
3.1	TRAJETÓRIA DE MARCUS MOSIAH GARVEY E PAN-AFRICANISMO GARVEYSTA OU GARVEYISMO	25
3.2	MARCUS MOSIAH GARVEY E A UNIA	27
3.3	OS PRIMEIROS PASSOS DE DU BOIS E PAN-AFRICANISMO	29
3.4	DU BOIS E EDUCAÇÃO PARA OS NEGROS	30
3.5	DU BOIS E PAN-AFRICANISMO CONGRESSO	31
3.6	KWAME NKRUMAH E OS DOIS CONCEITOS: DUPLA EXPLORAÇÃO E NEOCOLIANISMO	32
3.6.1	Kwame Nkrumah e dupla exploração	32
3.6.2	Kwame Nkrumah e Neocolonialismo	34
4	CAPITULO III: PAN-AFRICANISMO EM AMÍLCAR LOPES CABRAL	37
4.1	PAN-AFRICANISMO EM LISBOA	37
4.2	CASA DOS ESTUDANTES DE IMPÉRIO	38
4.3	CABRAL E REAFRICANIZAÇÃO	39
4.4	FRANTZ FANON E AMÍLCAR CABRAL: RECURSO À VIOLÊNCIA COMO FORMA DE LIBERTAÇÃO DO JUGO COLONIAL	42
4.5	IDEIA DE UNIDADE EM CABRAL	47
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
	REFERÊNCIAS	56

Figura 1 - Bandeira do movimento pan-africano¹ criada em 1920



Fonte: https://www.google.com.br/?gfe_rd=cr&ei=crU-WJ22HKzX8gexjL6YCA&gws_rd=ssl#q=imagens+da+bande acessado em: 25/Nov/16.

¹ É uma bandeira tricolor que consiste em três bandas horizontais de vermelho, preto e verde, foi criada pelos membros da Associação Universal para o Progresso do Negro, (UNIA). Foi formalmente adotada no artigo 39 da Declaração dos Direitos dos Povos Negros do Mundo a 13 de Agosto de 1920 durante a convenção da referida associação.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende-se estudar as evoluções do movimento pan-africano, deste modo analisando as ideias pan-africanistas que transitaram por diferentes épocas, permitindo assim apontar as visões pan-africanistas em Cabral que, muitas das vezes, nos trabalhos sobre ele não são sinalizados, este seria o objetivo geral deste trabalho: apontar as ideias pan-africanistas em Amílcar Lopes Cabral. A natureza deste leva-se a estudar o percurso e contexto em que se desenvolveu o pan-africanismo e como esta ideologia vai ser útil no que tange a conscientização política e mobilização das massas populares africanas para aderir às lutas das libertações dos países africanos nos quais os nacionalismos africanos vão nascer.

O movimento pan-africano cuja origem nas diásporas africanas, concretamente nos Estados Unidos de América, nascido na segunda metade do século XIX, tornou-se projeto político pioneiro da contemporaneidade da libertação do negro. Como fica registrado na historiografia, após chegada dos navegadores europeus na costa de África no século XV, assim consequentemente com a “descoberta das Américas”, não vai demorar a iniciar um dos mais marcados acontecimentos que durou quase cinco séculos de escravidão e do “tráfico negreiro”. Os negros africanos vão ser arrancados das suas terras para as Américas e serão escravizados, vivendo na condição de escravos por muito tempo.

O fato esse que vai mudar só a partir do ano 1863 quando o presidente dos Estados Unidos de América, Abraham Lincoln, por meio de um decreto vai abolir a escravidão em 1863, fazendo com que a escravidão tornar-se crime nos Estados Unidos de América. Em 1º de janeiro de 1863, entra em vigor o Ato de Emancipação assinado pelo presidente Abraham Lincoln.

As novas sociedades em que os negros foram inseridos, chamados de “novo mundo”, vão assistir novos tipos de organizações (movimentos) políticos dos negros entre eles o pan-africanismo. As igrejas como agentes de socialização serão os primeiros a aceitar os negros ex-escravos, e estes começarão a organizar-se politicamente a partir das igrejas, como mostram as bibliografias usadas como referências deste trabalho.

O movimento pan-africano vai se transformar consoante o tempo obtendo diferentes formas assim também como os seus objetivos, mas sempre vai manter a base do seu programa

essencial, a emancipação dos “povos africanos”. É obvio que a África propriamente, após a Conferência de Berlim, passou a ser efetivamente dominada pelos europeus. Na tal Conferência, a África foi dividida pelas potências europeias e transformada em suas colônias. A situação esta que passou a colocar os africanos em África, assim como os da diáspora e os seus descendentes na mesma situação de “dominados”, conotados a inferioridade aos demais não negros, porém diferentes personalidades vão engendrar em diferentes épocas para lutar pela libertação (emancipação) dos “povos africanos”, dentre eles: Marcus Mosiah Garvey, W. E. B Du Bois, Kwame Nkrumah e Amílcar Lopes Cabral.

Ora, as visões pan-africanistas de Amílcar Lopes Cabral são deixadas de fora em inúmeros trabalhos que se realizam sobre ele, percebe-se que estas devem ser resgatadas e valorizadas, partindo do pressuposto de eficácia da ideologia pan-africanista na mobilização dos povos africanos para luta pela independência e a união destes que o ideal pan-africanista proporcionou durante o processo da luta pela independência dos países africanos sem esquecer que os problemas das rivalidades internas e conflitos étnicos ainda estão bem presentes na África e têm estado a crescer, enfraquecendo as democracias e convivências dos povos no continente africano ainda mais.

Este trabalho foi feito com base na leitura e análise das bibliografias propostas. Mais especificamente, foram considerados textos sobre o movimento Pan-africano, escritos/discursos de Amílcar Lopes Cabral e obras sobre Amílcar Cabral. A interseção das fontes permitiu efetuar uma análise mais profunda e obter uma visão mais holística sobre o tema.

Paralelamente, foram analisados os conteúdos de alguns arquivos de áudio visuais/documentários sobre o percurso político/vida de Amílcar Cabral. -O trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro procura-se desenhar o contexto no qual surgiu o pan-africanismo e como este se iniciou, assim também sem deixar de ilustrar os seus protos. No segundo capítulo optou-se por observar como operaram as duas principais correntes pan-africanistas de Garvey e Du Bois, isto é, o que cada corrente visava como o que seria solução para os problemas que os negros enfrentavam, premissas pelas quais estes vão desenhar suas lutas e como pan-africanismo vai mudar o seu foco, após congresso de 1945, passando a ser a libertação da África da colonização europeia, este seria o momento em que Nkrumah entra no jogo e passa a ser o principal promotor do pan-africanismo em África.

No terceiro capítulo pretende-se destacar as visões pan-africanistas em Cabral, começando por fazer uma contextualização da sua conscientização política, discutindo criticamente alguns dos seus conceitos que imprimem visões pan-africanistas, colocando como as bases pelos quais Amílcar Lopes Cabral constrói sua ideologia política, deste modo, juntando-se ao Nkrumah na lista dos percursores do pan-africanismo em África.

2 CAPÍTULO 1: OS PROTOS PAN-AFRICANISTAS

2.1 ALEXANDER CRUMMEL

O termo pan-africanismo tem carregado consigo por muito tempo a complexidade conceitual, o que vai ser elaborado de acordo com a evolução do próprio movimento e contexto histórico social do momento em que as definições vão ser construídas, portanto nelas tem uma coisa que é comum, a descolonização neste caso seria (de subalternização) do negro em qualquer parte do mundo. Neste capítulo pretende-se eleger alguns nomes entre muitos existentes, apontando-os como protos pan-africanistas, deixando claro que não se pretende fazer hierarquização dos mesmos, mas sim, como uma forma de poder delimitar o trabalho. Mas pode se falar destes sem ilustrar suas histórias de vida? Considero que não. Por esta razão o texto vai traçar algumas passagens da vida destes para poder, desta forma, embasar as razões do porquê são chamados de protos pan-africanistas.

Certamente uma das primeiras manifestações do Pan-africanismo veio através dos nomes que os povos africanos (negros americanos), como se denominavam na época, deram às suas instituições religiosas. As igrejas como agentes de socialização foram os primeiros a aceitaram receber os negros. Com o passar do tempo logo os negros começaram a perceber as limitações que eram alvos dentro das suas próprias igrejas e começaram a se questionar com vistas a sua emancipação, estabeleceram suas próprias igrejas em resposta às segregações raciais nas igrejas brancas. Assim, o texto vai fazer um apanhado destes fatos começando por Alexander Crummell (1819/1898), um pioneiro Afro-americano, ministro, nacionalista. Crummell nasceu em New York City filho de Charity Hicks, uma mulher livre de cor, e Boston Crummell, um ex-escravo.

Crummell tinha desejo de se tornar um padre da igreja episcopal, igreja da qual pertencia, apesar dele demonstrar sua capacidade dentro da sua igreja, como torna evidente na sua biográfica, porém, não escapou do que Du Bois veio a chamar mais tarde de “problema de linha de cor”. Assim vai ilustrar Moses como um dos primeiros obstáculos de Crummell na sua igreja. “Na sua chegada à diocese de Filadélfia, ele apresentou sua credencial ao Bispo Henry U. Onderdonk, irmão do Bispo Onderdonk quem tinha recusado sua admissão no seminário em Nova York”. (MOSES, 1989, p. 38).

Ele tinha sido recusado na admissão do seminário teológico, o que seria o seu primeiro passo para concretização do seu sonho de ser padre, o que veio acontecer só depois de enorme resistência em Massachussetts, em 1842. Sua ida para Filadélfia se deu depois de ter sido ordenado, ele tinha em mãos uma petição das igrejas negras para o bispo da Filadélfia.

Mas, sua chegada na Filadélfia foi marcada por uma história crucial em sua vida. Como vai sinalizar Moses, “Por outro lado, o bispo não podia abrir a porta da convenção por um negro”. Por isso, ele apresentou a Crummell uma demanda: “Eu não posso recebê-lo nesta diocese, a menos que você vai prometer que você nunca vai candidatar-se a um assento na minha convenção ou para qualquer igreja que você pode fundar nesta cidade (...) senhor, nunca farei essa promessa, respondeu Crummell”. (MOSES, 1989, p.38).

Entende-se que Crummell não se conformava com a posição dos negros dentro das igrejas o que lhes impossibilitavam de serem padres mesmo que nas igrejas em que estes eram grande maioria, portanto, nota-se a bandeira pan-africanista na mão de Crummell, em outras palavras se percebe da luta pela emancipação dos negros dentro das suas igrejas engendrada pelo Crummell, passaram três semanas após a conversa de Onderdonk e Crummell, a convenção da diocese de Filadélfia em uma assembleia proferiu-se seguinte resolução: Que a cláusula seguinte da oitava emenda aprovada em 1829 seja incorporada no regulamento, e que no futuro deva ser tomada como parte do mesmo: “Nenhuma Igreja nesta diocese em circunstâncias peculiares como igreja Africano de St”. Thomas terá direito a enviar um clérigo ou deputados à Convenção, ou interferir em assuntos do governo geral das Igrejas, (MOSES, 1989,39). Entende-se que esta passagem nada mais seria do que evidenciar o que Du Bois veio a chamar de ”problema de linha de cor” e é importante realçar, esta passagem é apenas só uma das muitas semelhantes que aconteceu com os negros dentro das suas próprias igrejas católicas.

Em 1847, com o intuito de angariação dos fundos para sua congregação na igreja de messias, Crummell viaja para Inglaterra e aproveita tal momento para pregar e falar sobre abolicionismo nos EUA, assim também, ao mesmo tempo, aproveitou para estudar na Universidade de Cambridge entre 1849 a 1853. Durante o seu tempo em Cambridge ele viajou pela Grã-Bretanha para falar sobre escravidão e sofrimento dos negros.

Assim, se sinaliza que Crummell apesar de ser livre mostrou claro que era solidário com os negros que se encontravam na escravidão e assim como com os que já eram livres,

mas que eram alvos de discriminações constantes, ou seja, que mesmo sendo livres não escapavam das segregações por serem negros.

Percebe-se que por este motivo Crummell teve que mudar para Libéria, em 1853, onde viveu por 20 anos para difundir suas mensagens. Intui-se que ele também apelava aos negros afro-americanos para irem evangelizar na África (Libéria), porque ele acreditava que a sua religião seria a salvação, o que lhe interessava era ir ajudar o povo negro com o que ele acreditava ser adequado, pois, certamente esta concepção não estaria longe do termo que ele pregava “SELF-HELP” (autoajuda). No entanto, compreende-se que este termo coloca os negros como uma unidade, desta forma autoajuda seria para que os negros si auto ajudassem, nesta lógica um negro se deve sentir obrigado a ajudar o outro negro, porque no fundo ele está si auto ajudando (self-help), este negro estaria contribuindo pela emancipação do seu povo negro. Mas não é objetivo deste capítulo avaliar as contribuições dele na África entre bom ou ruim. Portanto, o importante aqui para este trabalho é demonstrar as possíveis razões norteadoras da inclusão do seu nome na lista dos protos pan-africanistas.

Os fatos acima citados demonstram claramente que pan-africanismo de Crummell tinha mais ênfase no campo religioso, quer dizer, no pan-africanismo religioso, o qual entende-se como berço de pan-africanismo. Deste modo, ele é considerado por muitos como um grande líder da ideologia pan-africanista.

2.2 EDWARD WILMOT BLYDEN E IDEIAS PAN-AFRICANISTAS; NEGRO NO ISLÃ E NO CRISTIANISMO

Outro nome também conhecido da época que não podia ficar sem ser mencionado neste texto é do caribenho Edward Wilmot Blyden (1832-1912). Ele nasceu em 1832 em Sant Thomas (Virgin Island.), mais tarde mudou-se para Libéria onde se tornou um educador e estadista. Blyden é descrito nas notas biográficas como alguém que mais de que qualquer outra figura lançou as bases para o nacionalismo africano: “Ele viajou para Estados Unidos de América em maio de 1850 e procurou entrar em uma faculdade teológica, mas foi rejeitado por causa da sua “raça” ou cor da pele (negro). Em Janeiro de 1851, ele emigrou para Libéria”. (DUODU, 2014, p. 01).

Portanto, percebe-se que o Blyden vai dedicar uma parte do seu trabalho analisando a posição do negro dentro das igrejas (religiões). Tanto o cristianismo como o islamismo

servirão de objetos dos estudos de Blyden, no qual lança a primeira edição do seu livro: “Christianity, Islam and the Negro Race², em 1888”. Neste mesmo livro, ele faz a abordagem sobre processos de conversão dos negros no continente e nas diásporas a estas duas religiões, evidencia-se a diferença enorme no seu trabalho. Apesar dele reconhecer que as duas religiões não tiveram nascimento em África, mas sim na Ásia, percebe-se que tal fato pode lhes colocar na mesma bandeja, mesmo assim ele ressalta algumas diferenças no que diz respeito assunção do negro nas duas religiões.

A simpatia, portanto, entre o missionário árabe e o africano (negro) é mais completa do que aquela entre o europeu e o negro. Sem dúvida, ao contrário, o Europeu raramente ou nunca se distanciou da sensação de "distância", se não de repulsa, que ele experimentou no primeiro dia que viu o negro (BLYDEN, 1994, p.18). Esta afirmação se justifica pela sua própria experiência vivida na igreja lembrando-se da proibição de sua entrada na faculdade teológica por ser negro. Verifica-se que na sua época os negros mesmos convertidos ao cristianismo sofrem a segregação nos seios das suas próprias igrejas, muitos deles foram rejeitados de serem padres pelo simples fato de serem negros como foi o caso de Alexander Crummell.

O que Blyden vai fazer é um contraste com o islamismo em que ele observa o seguinte: “Por isso, islã extingue-se todas as distinções fundadas na raça, cor ou nacionalidade, ‘Eu aconselho a temer a Deus’, ‘disse Mohammed aos seus seguidores’, e prestar obediência ao meu sucessor, embora ele possa ser um escravo negro. ‘E, ‘portanto, em toda a história do Islã, e em todos os países (islamizados) raça ou’ condição prévia’ nunca foi uma barreira para elevação (progressão do negro na religião).” (BLYDEN, 1994, p.92).

Entende-se que o Blyden não se pretende advogar pelo islamismo em detrimento do cristianismo, mas sim são fatos que no seu entender eram diferentes (imagem do negro) em duas religiões, isto se torna evidente na medida em que ele traz a tona a história de vida de um negro “egípcio”, permitindo uma visão mais clara da pessoa do negro dentro das duas religiões, “Um dos mais consagrados governantes muçulmanos de Egito foi Kafur, "um negro de pele bem escura", que chegou a ser governador do Egito, a partir da posição de um escravo. Ele tinha-se mostrado igualmente um grande soldado e estadista. Seu domínio estendia não apenas sobre o Egito, mas pela Síria também; e orações públicas foram oferecidas para ele, como soberano, dos púlpitos de Mekka, Hijaz, o Egito e as cidades da Síria, Damasco, Aleppo, Antioquia, Tarsu” (BLYDEN, 1994, p.92).

²“Christianity, Islam and the Negro Race, em 1888”. __Cristianismo, islão e a “raça” negra.

De acordo com o texto de Cameron Doudu, torna-se claro que Blyden dividiu o seu tempo no continente africano entre a Libéria e as colônias britânicas, Serra Leoa e Lagos (Nigéria). Trabalhando como professor, secretário de estado e por último concorreu às eleições presidenciais na Libéria, mas acabou perdendo. O legado dele foi absorvido e continuado por George Padmore conhecido como pai da emancipação africana do qual o Cameron Doudu vai dizer o seguinte: “como mentor intelectual de Padmore, Blyden deveria, portanto ser justamente reconhecido como avô de emancipação africana”.

O próprio Padmore decidiu nomear o nome do seu filho antes de saber qual seria o sexo da criança, assim que ficou sabendo da gravidez da sua esposa. Ele é mais lembrado como um patriota africano cujos escritos contribuíram para criação do Pan-Africanismo e continua a inspirar muitas gerações.

Foi justamente nesta lógica que ele é chamado de protos pan-africanista porque suas ideias estão fortemente ligadas às ideias pan-africanistas, desde o momento em que ele se chama os afro-americanos para uma reafricanização das mentes, e discute a segregação do negro nas igrejas. De certo modo estes apresentam como as bases para ideologia pan-africanista.

2.3 DUSÉ MOHAMED ALI E “AFRICAN TIMES AND ORIENT VIEWS”

O movimento pan-africano teve a sua formação fora da África obviamente como aparece em todas as teses sobre o movimento pan-africano, a este fato seria importante neste texto trazer um africano em que na sua atuação política pode se destacar as ideais que podemos associar ao que vem a ser chamado de pan-africanismo, que é egípcio Dusé Mohamed Ali.

Nasceu em Alexandria, no Egito, em 21 de Novembro de 1866, filho de um egípcio, Abdul Salem Ali (que era um oficial do exército), e de uma mulher sudanesa. Ali foi enviado à Inglaterra para estudos em 1876, o pai dele foi morto na revolta nacionalista de 1882 (na batalha de Tel-el-Kebir - lutando contra os britânicos com o exército egípcio rebelde).

A morte de seu pai motivou Ali para voltar ao Egito. “Dusé Mohamed Ali foi um Pan-africanista influente, um torcedor do Islã, e viajou muito quase toda diáspora Africana. Mohamed Ali foi convidado em 1911 para participar em um congresso denominado ‘Universal Races Congress’ realizada na Universidade de London, muitas pessoas

participaram, mas somente um número reduzido da diáspora africana participou. Ali em todo caso encontrou WEB Du Bois e John Eldred Taylor (um empresário de Serra Leoa),” (ADI and SHERWOOD, 2003, p.02).

Entende-se que este encontro é de grande importância para Ali, porque ele podia encontrar com grandes líderes pan-africanistas do momento, assim também é neste mesmo congresso que ele e serra-leonês John Eldred Taylor se conheceram e com quem vai estabelecer uma grande parceria, o que facilitaria na realização do seu mais conhecido trabalho feito em prol da emancipação dos negros. Desta forma, o Duffield vai colocar, “The Universal Races Congress, apesar de sua falta de um desempenho sólido, teve papel importante na vida de Duse Mohamed Ali. Confirma-se no momento em que ele se acreditou que algo poderia ser feito por homem negro, pela razão, em resposta aos brancos dominantes; e, assim, se preparou o caminho para o lançamento de seu maior esforço em jornalismo Pan-Africano, African Times and Orient Review”. (Duffield, 1968, p.168)

Em 1912 Ali e Taylor fundaram “African times and orient views³”. Compreende-se que o mesmo nasceu no esforço de seguimento dos objetivos traçados na resolução do congresso “universal races congress”, a referida revista seria uma publicação pan-asiático e pan-africano, o qual serviria para editar os desejos e intenções dos “negros, castanhos e raça amarela”. A revista defendia o nacionalismo Pan-Africano e Pan-Asiático, e tornou-se um fórum de ativistas e intelectuais africanos. Marcus Garvey trabalhou na mesma entre os anos de 1912 e 1913.

Percebe-se que Mohamed Ali argumenta a razão pela qual seria necessário criar um jornal que pudesse servir como veículo de difusão das informações que facilitariam na conscientização das “pessoas de cor” (negros, asiáticos e mestiços) tanto os que vivem na metrópole assim como os das colônias. Acreditava-se que as informações que circulavam nos jornais britânicos sobre as colônias na Ásia e na África eram distorcidas, por isso seria urgente uma resposta sobre essas questões. Em resposta disso cria-se o “African times and Orient review,” onde muitos ativistas das questões raciais publicam suas opiniões.

Em 1930 Ali retornou para África de Oeste, realizando suas atividades econômicas passou por diferentes lugares por último residiu na Nigéria onde ele trabalhou como jornalista, Dusé Mohamed Ali morreu em Lagos (Nigéria) no dia 26 de Fevereiro de 1946.

³ “African times and orient views”, revista criada pelo Dusé Mohamed Ali, “tempos de África e olhares sobre orient”.

O que se torna obvio na ideia de Mohamed Ali é que ele queria claramente criar laços entre as pessoas de cor de colônias britânica, incluindo os das Américas, da África e da Ásia. O que seria uma fusão do pan-africanismo e pan-orientalismo. Como se percebe ambos enfrentavam a mesma dificuldade tanto na situação econômica quanto social. Portanto, a uma união entre estes seria vantajosa como jeito de se livrar dos problemas que enfrentavam.

2.4 PAN-AFRICANISMO EM MALCOLM IVAN MEREDITH NURSE (GEORGE PADMORE)

Por último, para fechar ciclo dos protos não poderia deixar de trazer o nome de Malcolm Ivan Meredith Nurse (George Padmore), nascido no dia 28 de junho de 1903 em Tacarigua, Trindade. Jornalista pan-africanista, inspirado por Blyden, a quem ele decidiu dar nome ao seu filho sem que importasse do sexo, teve o seu grande contributo no movimento pan-africano, faleceu no dia 23 de setembro de 1959 (56 anos de idade).

George Padmore, no início da sua carreira política, trabalhou mais no estrangeiro, nomeadamente na Europa, onde começou na Rússia, ligado ao partido comunista, o partido do qual ele veio se desvincular na década de 1930, mesmo assim continuou vivendo na Europa e fazendo vida ativista, por conseguinte em julho de 1930 ele foi fundamental na organização de uma conferência internacional em Hamburg Alemanha, o qual lançou a base para criação de um comitê internacional de apoio as organizações de trabalhadores negros, chamado Comitê internacional dos sindicais dos trabalhadores negros. Em 1933 o gabinete da referida organização foi fechada por um interlúdio alemã e da mesma forma um grupo de gangs ultranacionalistas. Após a tomada de poder pelos nazistas, o gabinete foi saquearam e Padmore foi deportado para Inglaterra.

Devido as suas pretensões de querer ajudar as pessoas que estavam sob a colonização, de certo modo como ele estava fazendo isso a favor da união soviética, fez com que as alianças diplomáticas fossem criadas entre governos coloniais, isso por outro lado fez com que fosse barrada sua entrada nos EUA tendo em conta o tempo que ele tinha passado na Rússia e a sua permanência já tinha vencido e também como era comunista complicou ainda mais a sua situação de regresso para EUA.

Padmore nos anos 1930 mudou-se para London após ter passado uns momentos na França, e nesse seu novo momento em London serviu de nova etapa na vida dele. É aí que ele

vai concentrar mais os seus esforços nas questões as quais concernem o pan-africanismo e a libertação dos países africanos em jugo colonial, aliando-se com alguns dos seus companheiros que já havia escrito sobre pan-africanismo e a libertação da África, entre eles o C. L. R James; o queniano Jomo Kenyatta, o ganês Kwame Nkrumah e o sul africano Peter Abraham. Eles viam suas publicações como estratégia para uma mudança política, só que suas publicações muitas das vezes eram censuradas pelas autoridades colônias quando chegarem colônias.

É de grande importância lembrar aqui de que no mesmo período em que Padmore e mais alguns dos seus companheiros da “diáspora africana” criaram um gabinete para tratar das questões ligadas a descolonização da África, “Internacional African Service Bureau” (IASB) em Londres. Assim vai se colocar Lewis, “Mudou-se para Londres em 1933, onde se encontrou com o seu amigo de infância C. L. R James que encontrava morando em Londres. Ele se juntou James, Jomo Kenyatta, Amy Jaques Garvey e Dr. J. B Danquah, os seus companheiros "amigos africanos internacionais da Etiópia". No mesmo ano, ele criou um gabinete internacional African Bureau Service" (IASB⁴), (LEWIS, 2002, p.03).

Nkrumah teve que voltar para África e liderar o movimento para independência de Gana, após independência de Gana em 1957, Padmore aceitou convite de Nkrumah para se deslocar para Gana, mas o seu tempo lá como conselheiro de Nkrumah em assuntos africanos não durou por muito tempo, ele retornou à Londres para tratamento de cirrose do fígado. Doença esse que ele não veio se resistir acabou por falecer no dia 23 de setembro em 1959 aos 56 anos de idade em Londres.

Entre estes protos, sobretudo Crummell e Blyden, percebe-se através das suas trajetórias de vidas e das suas teorias defendidas que eles estão ligados hoje ao que chamamos de pan-africanismo religioso, portanto a ideologia pan-africanista teve a sua gênese na diáspora africana devido situação social que se encontravam os negros, assim demonstra-se que esta ideologia foi resultado da segregação que os negros eram vítimas, da qual eles eram obrigados a si juntar e pensar em uma política libertadora e emancipadora da qual poderiam dar respostas as políticas segregacionistas postas a eles. É nessa perspectiva que se desenhou a ideia de pan-africanismo, o qual vai motivar a atuação dos protos assim também como os pan-africanistas posteriores em diferentes partes do mundo nas Américas, na Europa e na África.

⁴ “Internacional African Bureau Service” (IASB), gabinete internacional para serviço africano.

Conforme foi tratado acima, Padmore nos mostra isso claramente nos percursos da sua vida, atuando em diferentes partes do mundo.

Figura 2⁵ - Protos pan-africanistas citados no texto

Alexander Crummell



Edward Wilmot Blyden



Dusé Mohamed Ali



George Padmore



⁵ As imagens disponíveis em: <https://en.wikipedia.org/wiki/>, acessado em: 14/Nov/16.

3 CAPITULO II: OS TRÊS GRANDES PAN-AFRICANISTAS: MARCUS MOSIAH GARVEY, W. E. B DU BOIS E KWAME NKRUMAH.

3.1 TRAJETÓRIA DE MARCUS MOSIAH GARVEY E PAN-AFRICANISMO GARVEYSTA OU GARVEYISMO

Procura-se fazer uma abordagem sobre o pan-africanismo popular, obviamente que não se pode falar de um pan-africanismo popular sem que falasse do Marcus Mosiah Garvey, quem popularizou o pan-africanismo. Portanto, sua indispensabilidade vai motivar este texto em torno das suas realizações assim como suas atuações importantes. Entre outras várias definições acerca de pan-africanismo garveyista ou garveyismo, prefiro destacar o que aparece no seu livro estrela preta, “o pan-africanismo garveyista pode ser definida como um movimento social anticolonialista como também o nacionalismo negro destinado ao progresso, autoconhecimento e orgulho racial das populações africanas e afrodescendentes espalhadas pelo mundo” (GARVEY, 2010, p. 53).

Marcus Mosiah Garvey nasceu em Saint Ann's Bay, capital da paróquia de Saint Ann, Jamaica, Garvey frequentou a escola infantil e elementar em Saint Ann's Bay, era tido como aluno brilhante. O jovem Garvey, que gostava de nadar, tomar sol e jogar críquete, herdou o amor pelos livros do seu pai — um culto maçom, que possuía vasta biblioteca.

Por volta de 1906 Garvey deixou Saint Ann's Bay em direção a Kingston, na tentativa de melhorar sua vida. Chegando lá ele trabalhou primeiro com um parente materno, e depois na empresa P.A. Benjamin Limited, como compositor na seção de impressão. Em 1907 se tornou um excelente impressor e contramestre. No ano seguinte (1908) os empregados da P.A. Benjamin, através do sindicato dos tipógrafos, entraram em greve por melhores salários. Foi primeira experiência sindical de Garvey.

Entre anos 1910 a 1912, Garvey viajou pelos vários lugares na América central e do sul, entre os quais se registam Costa Rica, Guatemala, Panamá, Nicarágua, Equador, Chile e Peru. Durante as viagens dele em diferentes lugares pode observar as condições dos trabalhos dos negros que eram péssimas assim também como pôde observar que muitos dos negros eram desempregados e viviam na pobreza.

Em 1912 ele partiu para a Inglaterra, onde vivia sua única irmã, Indiana. Em Londres ele aprendeu muito sobre a cultura africana e também se interessou pelas condições dos

negros nos Estados Unidos. Compreende-se que a experiência de Londres foi muito importante para Garvey, tanto no sentido de entender o funcionamento da democracia assim também pelo fato dele poder entrar em contato com vários africanos, assim como outras pessoas nascidas em outras colônias britânicas, as quais iam estudar na Inglaterra. Com essas pessoas Garvey percebeu que os problemas da Jamaica eram muito semelhantes aos problemas enfrentados por populações negras de todo o mundo.

Entende-se que em poucas palavras Garvey pode ser resumido como quem desenvolveu fundamentos africanos com credo de “um Deus, um objetivo, um destino”. Ele vai se erguer na virada de século XX para inspirar o povo a lutar por mudanças sociais, políticos e econômicas.

Um dos fatos que aparecem nos escritos sobre Marcus Garvey é a própria história contada por ele mesmo, na qual nos fala do seu tio trabalhador que chegou de ser arrendado uma vasta terra, cerca de 25 acres por um sr., chamado de Pratt em Saint, o qual o seu tio cultivou completamente. E um dia o Sr. Pratt simplesmente ordenou que seu capataz entrasse com as vacas nas plantações e estragaram tudo que estava plantado, e quando o seu tio foi à residência de Pratt voltou sem a indenização e dessa forma tirou do seu tio o pedaço da terra. E tio dele nunca recuperou e logo morreu.

A passagem cima citada vai simbolizar um ato de violência na vida de Marcus Garvey, como aparece afirmado a seguir: “esta passagem reflete um foto essencial na vida de um povo: a ação arbitrária dos grandes proprietários de terra, quem, respaldados pelo colonialismo britânico, faziam da vida das massas um inferno” (GARVEY, 2010, p.19).

Ora, em outra história que se segue narrada pelo Marcus Garvey pode se perceber ou concordar com a famosa frase do líder sul africano, Nelson Mandela: “o racismo é ensinada ninguém se nasce racista”. O Marcus Garvey vai se lembrar dos seus primeiros anos na escola onde tinha uma amiga, colega de turma e vizinha branca com quem se brincava sem quaisquer preconceitos e quando já se estão nos seus catorze anos de idade a sua amiga foi abrigada a parar de brincar com ele. Os pais da menina disseram para ela que Marcus Garvey era negro, colocando a barreira da cor entre eles, e a menina foi enviada para Escócia e obrigada a não escrever mais para Garvey.

Percebe-se que estes dois acontecimentos de qualquer das formas contribuíram na tomada de consciência política de Marcus Garvey no que diz respeito ao abuso colonial dos proprietários de terra e da segregação racial (racismo). Tais fatos quando ocorrem em uma

sociedade vitimando um determinado grupo de pessoas acaba por fazer com que este grupo se sinta oprimido e excluído. Conseqüentemente se traduzem como as bases pelos quais estes se juntam e se organizam para lutar e facilmente se constituem um povo em que vão se identificar. Pois, como mesmo vai se configurar na ideologia pregada pelo Marcus, “retorno dos negros à África, criar um império dos negros na África pelos negros”. Ainda torna-se importante afirmar que essa ideologia é resultado da dinâmica da sociedade colonial que se vivia do momento.

Os negros mesmo sendo “nativos e livres” nas sociedades em que se viviam, devido a um passado marcado pela violência contra os negros (escravidão), continuaram sendo segregados e associados à inferioridade. Portanto, na perspectiva de Garvey se percebe como uma das soluções para os problemas dos negros apontados por ele era de “retornar a África e criar um império negro”.

Porém, as soluções que carregam consigo as limitações e complexidades na realidade, o retorno à África que Marcus Garvey propõe ultrapassa apenas a um retorno em termos culturais, ou seja, de criar uma nova identidade a partir dos valores deixados pelos africanos escravizados fora da África. Desta forma, tal retorno também pode ser entendido como um retorno físico (deslocamento para África), sua brilhante atividade vai evidenciar esse fato, Marcus fundou uma companhia de navios, chamado de “Black star lines”, a linha de estrela preta, em 1919.

“Esses navios tinham por objetivo de transportar cargas e passageiros por toda parte do mundo preto assim também como de levar os negros que desejavam retornar para África. Sua organização (UNIA) estabeleceu contato e assinou um contrato com o presidente Rei da Libéria em 1920, com proposito de realizar trocas comerciais com os africanos em diáspora e repatriação do povo descendente africano do oeste que desejava voltar para África”, (GARVEY, 2010, p.13).

3.2 MARCUS MOSIAH GARVEY E A UNIA⁶

Universal negro improvement association (UNIA), associação universal para progresso do negro é uma organização social política fundada pelo Marcus Mosiah Garvey na Jamaica. Muitos autores afirmam que é uma das maiores organizações dos negros da sua época. Garvey, após ter viajado por muitos lugares do mundo, acabou por decidir avançar com as estratégias para melhoria de condição da sua “raça” negra.

⁶UNIA_ Universal Negro Improvement Association, associação universal para o progresso do negro.

Portanto, em julho de 1914, ele estabeleceu a UNIA, a qual vai se popularizar com a sua chegada aos Estados Unidos da América, concretamente em Nova York, em 1916.

A UNIA mais tarde ganha uma grande popularidade entre os negros da diáspora, como se coloca: “na década seguinte o movimento se encontrou o seu apogeu”. “Estudos indicam que entre 1925 e 1927, nos Estados Unidos de América existiam entre 719 e 725 divisões, e se haviam disseminados por outros 41 países, 271 independentes,” (GARVEY2010, p.34). Da mesma forma coloca Minkan makalani⁷, em um artigo publicado em 2011, de que por volta de 1920, a UNIA contava com pouco menos de mil divisões em um pouco mais de quarente países.

A experiência de trabalho tipográfico e jornalístico ajudou Garvey bastante na criação de jornal que terá como por objetivo de estimular o sentimento anticolonialista, o “negro world” era seu mais popular jornal, do qual suas publicações chegavam diferentes partes do mundo, mas que por muitas vezes eram proibidas sua circulação em boa parte, mesmo assim essas publicações têm ajudado na mobilização das muitas pessoas.

A UNIA teve em um dos seus congressos realizado na cidade de Nova York, EUA, no dia 1 de agosto de 1920, no qual contou com a presença de vários representantes do povo negro do mundo, escolhidos em convenções reunidas no “liberty hall” (salão da liberdade). Produziu uma declaração de direitos dos povos negros, o qual alguns se afirmam de que essa declaração se serviu posteriormente como a base para elaboração dos programas dos movimentos sociais que vão lutar contra a violência racial e da dominação sobre o negro, incluindo propriamente a UNIA.

A declaração é composta por 54 artigos em que congressistas reclamavam vários direitos que podem ser resumidos em algumas palavras: Igualdade racial entre as “raças”, condenar a injustiça contra o negro, libertação do continente africano, condenar estereótipos do negro nas escolas e entre outras...

Ora, embora o que se percebe que Garvey tem advogado fortemente a ideia de que os negros deveriam ir para África, assim também como ele prega que os negros devem se responsabilizar por seus problemas (destino). Por outro lado, há de se confirmar também que ele, através da UNIA, se preocupava muito em uma convivência harmoniosa e respeito mutua entre os homens, “nós exigimos de todos os homens a agir conosco como nós gostaríamos de

⁷ Minkah Makalani é um professor norte-americano dos estudos da diáspora africana da universidade Rutgers, fundada em 1766, é a universidade estadual de Nova Jersey, EUA.

agir com eles, em nome da justiça, e nós alegremente acordamos a todos os homens todos os direitos que afirmamos aqui para nós” (artigo 46), (GARVEY, 2010, p.95).

3.3 OS PRIMEIROS PASSOS DE DU BOIS E PAN-AFRICANISMO

William Edward Burghardt Du Bois nasceu em 23 de Fevereiro de 1868, em Great Barrington, Massachusetts, filho de Alfred e Mary Silvina Burghardt Du Bois. A família de Mary Silvina Burghardt fazia parte da pequena população de negros livres de Great Barrington. W.E. B Du Bois tem sua origem uma parte francesa e uma parte africana, ou seja, os seus bisavós eram franceses e africanos.

Ele frequentou a escola pública local e manteve relacionamento com colegas brancos. Professores encorajaram sua carreira intelectual e quando Du Bois decidiu entrar na faculdade, a congregação da igreja que frequentava enquanto criança doou dinheiro para as despesas do seu ensino. Em 1895 ele se tornou o primeiro afro americano a receber um Ph.D. da Harvard University.

A Universidade de Harvard vai ser um lugar muito importante na vida de Du Bois porque enquanto ele estudava ali, percebe-se que é justamente neste lugar que vai começar a trocar ideias com os negros e brancos que não se conformavam com a segregação e condição social em que os negros se encontravam no momento. Porém, mesmo sendo perigoso realizar uma reunião acerca de tal que era um risco enorme, Du Bois não hesitou em organizar reuniões de forma despercebida com os seus companheiros, esta será o início da sua luta pacífica contra o sistema, primeiramente ele vai participar da criação de um movimento chamado movimento de Niágara.

Faziam reuniões que visavam determinar objetivos para melhorar as condições de vida desse grupo social (negros). O que se pode perceber claramente no início da trajetória política de Du Bois é que ele se preocupou mais com os negros dos Estados Unidos de América (suas condições sociais). Du Bois, no ano 1906, através de um documento exibido como objetivo da sua organização, que é o movimento de Niágara. Neste documento não se consta condenação da ocupação europeia na África, preocupava-se mais com igualdade racial dos negros nos Estados Unidos de América, (DU BOIS, 1998, p.19).

3.4 DU BOIS E EDUCAÇÃO PARA OS NEGROS

O Du Bois assistiu as primeiras duas décadas da sua vida de certa forma a progressão dos negros, “acesso às universidades”, começava se verificar pequenos indícios das mudanças no que concerne a educação superior dos negros nos Estados Unidos da América, até que a suprema corte decidiu fechar as portas das universidades para os negros em 1896. “O que ficou conhecido como sistema Jims Crow laws: Suprema mante a segregação racial, assentada a doutrina segundo a qual os estados podem prover aos negros, na base de igualdade, desde que apartada, tanto educação, quanto transportes públicos e hospedarias em geral” (DU BOIS, 1998, p. 19). Compreende-se que este período vai ser o momento crítico na vida de Du Bois, ele vai se erguer justamente nesta época criticando fortemente sistema Jims Crow.

Porém, ele vai opor se Booker T. Washington um norte americano da sua época que defendia a formação profissionalizante para os negros como única saída ou solução para os problemas que os negros enfrentavam, segundo ele os negros devem renunciar a luta pelos direitos civis e políticos nos Estados Unidos de América sobre tudo no (sul racista), de um modo geral ele defende a educação industrial para os negros no qual os negros só devem ser educados para trabalhar na indústria não devem ser educados para ser líderes ou políticos e essa educação que seria solução para os negros, vai permitir aos negros a se igualarem aos brancos em termos econômicos.

Du Bois, por outro lado, vai propor modificação na educação dos negros do qual ele afirma existência de uma necessidade, ele para evidenciar esse fato vai fazer um breve historial do que foi o processo educacional dos negros nos Estados Unidos de América assim também como vai destacar sua própria experiência de vida. Ele acreditava em uma educação superior melhor para os negros e ainda afirmava que era mais do que nunca de extrema importância para os negros, e isso não podia só limitar em uma formação profissionalizante. Seria indispensável ressaltar o que ele propõe como educação inovadora para os negros, “a função da escola superior negra, então, está clara: deve manter os padrões de educação do povo, de buscar a regeneração social do negro, bem como deve auxiliar na solução dos problemas do contato e cooperação racial”. E, finalmente além de tudo isto deve desenvolver o homem. (DU BOIS, 1998, p.117).

3.5 DU BOIS E PAN-AFRICANISMO CONGRESSO

Em 1900 congresso realizado em Londres por Silvestre William de Trindade Tubaco considerado proto pan-africanista, Du Bois endereçou sua análise sobre o problema daquele período, o qual ele pela primeira vez vai tornar ao público sua famosa afirmação “o problema do século XIX é o problema de cor”. Mais tarde Du Bois veio a organizar as cinco conferências (congressos) de movimento pan-africano, Paris 1919, Londres e Bruxelas 1921, terceiro Lisboa e Londres 1923, quarto em 1927, Nova York, e por último chamado do quinto congresso do movimento pan-africano realizado em Manchester, Inglaterra 1945.

Este congresso vai ser o mais importante e crucial entre outros congressos no que diz respeito ação política e fomentação da política para a luta da libertação dos países africanos sob o jugo colonial das potências europeias que ocupavam África, também esse congresso é o que contou com mais número de presença dos próprios africanos a destacar Jomo Kenyatta de Quênia, Kwame Nkrumah de Gana (antigo costa de ouro), e entre outros, uns dizem que foi o primeiro congresso que contou com presença dos africanos.

Pois, estes africanos que participaram no congresso de 1945 tiveram funções relevantes durante o congresso, e posteriormente após terem retornados para África vão iniciar suas lutas pelas independências, Nkrumah de Gana vai iniciar sua luta pacífica pela independência do qual Gana vai obter em 1957, deste modo se escreve na história como o primeiro país dito “africana negra” a se tornar independente.

É importante ressaltar de que o pan-africanismo em si é um conceito formado e desenvolvido por muito tempo fora da África, mas sim na verdade na diáspora africana pelos descendentes dos africanos e alguns brancos solidários a causa (nos Estados Unidos de América, Caribe, Europa). Por conseguinte pan-africanismo vai chegar ou começar ter os seus reflexos políticos em África em uma escala maior depois dos africanos que participaram do congresso de Manchester retornaram para África, Nkrumah vai ser um dos os seus precursores mais destacado. “Em todo caso percebe-se que o pan-africanismo designado tinha voltado para mãe África entre 1945 e 1958” (SHEPPERSON, 1986, p.06).

Há de se concordar, política conduzida e realizada em África pelos próprios africanos em moldes da luz de algumas ideias do movimento pan-africano se iniciou com kwame Nkrumah, Julio Nherere de Tanzânia, Jomo kenyatta de Quênia, Sekou Ture de Guiné-Conakry, Amílcar Lopes Cabral de Guiné-Bissau e Cabo-Verde e entre outros...

W.E. B Du Bois aos 73 anos de idade realizou este congresso junto com alguns dos seus companheiros que entenderam necessidade de organizar um congresso pan-africano pós-guerra entre eles importante destacar a pessoa de Amy Jacques Garvey segunda esposa de Marcus Garvey, lembrando de que Du Bois contrariava Marcus Garvey bastante eram líderes de dois correntes pan-africanistas que se orientavam pelas ideias diferentes, mas com um interesse em comum “melhoria de situação social do negro”, porém as propostas apresentadas por cada um como solução para estes problemas que eram diferentes eis a contradição existentes entre os dois. É dito que por muitas vezes os dois grupos se entravam em confrontos diretos.

Mesmo assim Du Bois não hesitou⁸ em cooperar com Amy Jacques Garvey em organizar o congresso de 1945, Manchester, assim como vai colocar o professor George Shepperson, “Du Bois apesar de não concordar com ideias de pan-africanismo garveyista, mas concordou com Amy Marcus Garvey e Dr. Harold Moody”. (SHEPPERSON, 1986, p.04).

3.6 KWAME NKRUMAH E OS DOIS CONCEITOS: DUPLA EXPLORAÇÃO E NEOCOLIANISMO

3.6.1 Kwame Nkrumah e dupla exploração

Kwame Nkrumah, precursor do pan-africanismo na África, nasceu no dia 21 de setembro de 1909, Nkroful, Costa de ouro (atual Gana), foi um grande líder africano, primeiro ministro de Gana e posteriormente presidente do mesmo país após a sua independência em 1957 até 1966, idealizador da unidade africana, que criticou o capitalismo fortemente. Ao criticar o capitalismo coloca os dois termos em discussão classe e raça os que segundo ele os seus problemas terem nascidos da exploração capitalista, especificamente no caso da África, ele vai inaugurar o termo dupla exploração. O que seria dupla exploração para Nkrumah?

Antes de responder esta questão, seria fundamental perceber o que significaria exploração capitalista na perspectiva de Nkrumah, ora, exploração capitalista no seu sentido básico significa controle e extração de bens ou riquezas de um determinado lugar por um

⁸Neste caso entende-se que o ator refere fato de Du Bois aceitar trabalhar com eles para organizar quinto congresso pan-africano em 1945, (congresso pós-guerra).

grupo minoria, que coloca a maioria sob o seu controle e enriquece através de controle da força de produção da maioria dominado, deste modo cria as leis que protegem os seus interesses. Ali se entra o sentido da exploração capitalista, ou seja, é o sistema que centraliza benefício de produção geral em mão de uma pequena minoria, criando desta forma as margens e o centro, neste caso o poder e riqueza ficam no centro e as margens se tornam explorados e empobrecidos através do próprio sistema exposto.

A dupla exploração referida por kwame Nkrumah se trata de classe e raça. Neste caso ele se sinaliza África e diáspora africana em particular como ele mesmo vai colocar, “um exemplo disso clássico é África de sul e a dupla exploração: de classe e racial que sofrem os sul-africanos. Esta situação repete-se nos Estados Unidos de América, nas Antilhas, na América latina e por toda área onde o desenvolvimento das forças de produção engendrou uma estrutura social racista. Nestes países, a posição social é função do grau de pigmentação da pele. A cor serve para avaliar o lugar ocupado na hierarquia social.” (Nkrumah, 1976, p.29).

Consequentemente, kwame Nkrumah evidencia desfavorecimento que os negros são alvos em muitas sociedades em que eles mesmos fazem parte, pelo fato de terem peles mais escuras. Independente destes se constitui uma grande maioria de números das pessoas que vivem nas margens dos centros criadas pelo sistema capitalista, (classe dominada e de baixa renda). Sofrem ainda por outro lado racismo, e esta discriminação racial por sua vez lhes excluem em suas próprias sociedades, acabam assim por estarem sendo explorados de duas formas pela posição social e pela cor da pele, e esta ultima determina a primeira no caso das sociedades multirracial ou plurirracial.

Nkrumah acredita ainda que a ”escravatura e a dominação colonial são, portanto a causa, e não a consequência, do racismo. Esta situação cristalizou e reforçou-se depois da descoberta de ouro e diamantes. A mão de obra africana foi comprada a baixo preço. Com tempo, tornou-se necessário justificar a exploração e a opressão dos trabalhadores africanos”. (Nkrumah, 1976, p.31). De certa forma com base na necessidade de justificação desta tal exploração vão nascer teorias que reforçam ainda mais o racismo. O mais importante no conceito de dupla exploração de Nkrumah para este trabalho, é a imagem de pan-africanismo que o próprio conceito carrega consigo, veja bem, no momento em que dupla exploração proferida pelo Nkrumah, engloba diferentes lugares do mundo onde se encontram os negros

quer dizer tanto na África assim como fora da África, traçando relação social destes e demais grupos que compõem estas sociedades.

Porém, pode se enfatizar ainda mais colocando, na medida em que Nkrumah cita condições sociais dos negros espelhados pelo mundo, na África do sul, na América latina, nos Estados Unidos e nas Antilhas, apontando soluções para estes que são alvos de dupla exploração como afirma Nkrumah, demonstra razões suficientes para afirmar de que ele carrega bandeira pan-africanista, solidariedade entre os negros, melhoria de condição social dos negros e pensamento de um destino comum (mesmos problemas) dos negros.

3.6.2 Kwame Nkrumah e Neocolonialismo

Kwame após ter conseguido a independência do seu país Gana em 1957, se mostrou preocupado com um fenômeno que ele por muita das vezes considerou mais perigoso do que próprio colonialismo que seria neocolonialismo, que cuja sua essência é a nova forma de colonialismo, manifesta no fato de um país subjugar e dominar menos desenvolvido ou politicamente mais frágil, ainda que formalmente independente, através do controle econômico, científico, tecnológico etc. É de salientar que Nkrumah no seu livro torna evidente que refere neocolonialismo mais no campo político e econômico, é justamente nestes dois campos que vai se alargar análises sobre neocolonialismo na perspectiva de Nkrumah.

Certamente, a partir dos anos 1950, vai ser período em que as potências europeias vão pensar e começar implantar uma nova estratégia de dominação com vista assegurar seus domínios econômicos e políticos exercidos sobre demais países colonizados em África. Os quais que estavam contando com um forte crescimento de número dos movimentos de lutas pelas independências locais.

Na lógica de Nkrumah no lugar de colonialismo, como principal instrumento de capitalismo, temos hoje neocolonialismo. (PEDREIRA, 1997, p.01). Portanto, Nkrumah defende abolição do sistema neocolonialista porque para ele essa não passa de uma simples continuação do colonialismo o que conforme ele seria principal estrangulamento para o desenvolvimento da África, o que se compõe em mera exploração da África pelas potências europeias.

No campo econômico neocolonialismo na África não tem nenhum objetivo se quer a não ser de manter e proteger os interesses econômicos estrangeiros, a política econômica dos

países neocolonialista não é feita com base no próprio interesse da população local do qual vai permitir o crescimento de qualidade de vida da população, mas sim ela é feita correspondendo ao interesse da potencia europeia. Nkrumah percebeu enquanto os países africanos não se unirem para criar um governo federativo que lhes permitirão tornar bloco forte economicamente, nunca escaparão da subjugação europeia, esta será uma das bases de sua ideologia política de criar um governo federativo de África.

Ora, como ele mesmo reconhece as complexidades que África possui os quais podem dificultar a formação de um estado federativa de África. Entre estes que muitos dos seus opositores vão apontar, falta de uma língua, falta de uma cultura e falta de um território. Por outro lado, compreende-se que ele por sua vez ressalta a existência de um fator ou elemento que no seu entender é suficiente para formação de um estado federativa de África, porque segundo Nkrumah é a economia que une as pessoas (interesse econômico comum). De já que os países em África apresentam mesmos problemas econômicos e todos esses não possuíam controle das suas próprias economias, quais se encontram dominados pelas potencias europeias e nenhum país vai se conseguir escapar disso isolado a não ser que seja em conjunto criando um bloco forte dos países africanos.

O estado federativo da África que ele propõe, seria um estado multicultural, “um estado pode existir sob as bases multinacionais; porque é a economia que reúne os indivíduos num mesmo território. É nesta base que os africanos de hoje se reconhecem a si próprios potencialmente como uma nação, cujo domínio é todo o continente Africano.” (Nkrumah, 1976, p.107). Este argumento de Nkrumah de acreditar que as razões econômicas podem servir da base pelo qual os países africanos devem se unir e formar um governo central de África. O qual vai ser tomado e reforçado pelo Amílcar Lopes Cabral. Mas, essa teoria de acreditar nas razões econômicas como base suficiente para uma união entre os negros, foi inaugurada pelo Garvey só que a ideia da união na perspectiva Garvey engloba os negros da África e os da diáspora, “criação de império negro” a partir de África.

Com base nesta ideologia kwame Nkrumah vai tomar frente em organizar conferencias em África dos povos africanos chamado conferencia pan-africano Gana, 1958 e Túnis 1960⁹, com vista poder levar avante a materialização do seu ideal, vale ressaltar que essa ideia não chegou concretizar em criação de estado em África, mas culminou na criação

⁹ No segundo conferencia pan-africano realizado em África (Túnis), contou com presença de Amílcar Lopes Cabral sob pseudônimo de Abel Djassi.

de uma organização que teria como por missão de preparar caminhos para criação de uma federação dos países africanos, organização para união africana (OAU), em 25 de maio de 1963 Addis Abeba, Etiópia. O que por sua vez veio ser transformada na (UA) união africana, em 2002, na Cimeira de Durban (África do Sul).

Figura 3 - Três grandes pan-africanistas: Marcus Mosiah Garvey, W.E. B Du Bois e Kwame Nkrumah

Marcus Mosiah Garvey



W.E. B Du Bois



Nkrumah



Fonte: Wikipédia.

4 CAPITULO III: PAN-AFRICANISMO EM AMÍLCAR LOPES CABRAL

4.1 PAN-AFRICANISMO EM LISBOA

De acordo com análise dos trabalhos feitos sobre a evolução do pan-africanismo em Lisboa particularmente podemos chegar conclusão de dizer nos anos vinte pan-africanismo repercutiu na metrópole português do qual vai permitir propriamente Portugal sedear segundo sessão do terceiro congresso pan-africano realizado no ano 1923 em Lisboa.

Anteriormente, nos dois últimos congressos Portugal se fez representar no primeiro congresso que se realizou em Paris nos dias 19 e 20 de janeiro de 1919, pelo coronel Freire de Andrade e no segundo congresso de Paris e Bruxelas de 31 de Agosto a 5 de Setembro de 1921, viriam participar Dr. Jose de Magalhães e Nicolau dos Santos Pinto.

Essas assembleias ou congressos pan-africanos realizavam em torno das seguintes questões, mas antes lembrando de que nelas participavam em um grande numero as personalidades da intelligentsia negra do momento, quais formulavam reivindicações globais no duplo combate contra a discriminação racial e desigualdades sociais nas Américas e a libertação dos colonizados em África. (ANDRADE, 1998, p.169)

No que tange os motivos da realização de segundo sessão de terceiro congresso pan-africano em Lisboa, no escrito de Mario Pinto de Andrade em o seu livro as origens do nacionalismo angolano, percebe-se ele ter dado mais importância ao fato da chamada de atenção para a denúncia do trabalho forçado e da escravatura nas colônias portuguesas movida pelos célebres filantropos quakers ingleses, Joseph Burt e William Cadbury, o jornalista e autor liberal Henry e entre outros, assim também por outro lado ele reforça a agitação de um grupo pequeno de intelectuais negros da África portuguesa em que se descreveu a inspiração destes por medidas de reforma, sobretudo em Angola e nas ilhas produtoras de cacau.

Na mesma linha de abordagem da percussão do movimento pan-africano em Lisboa vale ressaltar que análise feita até aqui trata de corrente pan-africanista liderado pelo W. E. B DU BOIS que cuja sua definição bem básica se refere “pan-africanismo congresso” seria necessário também analisar um pouco pan-africanismo garveyista (pan-africanismo de Marcus Garvey), é de recordar, o escritor Mário Pinto de Andrade aponta uma das dificuldades, pan-africanismo, embora recolhesse muitos adeptos na sua área de expansão, não esteve à altura de mobilizar largos sectores de opinião em África, e nas Américas faltaram

ativistas e os agentes de ligação, (ANDRADE, 1998, p.169), desta forma vale sinalizar o pan-africanismo garveyista no seu mais influente trabalho feito que é criar agencias de Black star lines e as representações da UNIA em diferentes lugares, estes que tinham por servir como elos ou de agentes da ligação do qual o ator aponta como uma das dificuldades de pan-africanismo, porém vale dizer que estas dificuldades podem ser mais vistas no corrente de DU BOIS.

Na medida em que o próprio ator enfatiza a popularidade do pan-africanismo garveyista por citar as zonas que está tem chegando através dos emissários enviados por Garvey para diferentes lugares entre eles, no ano 1921, um emissário de Garvey chega Bolama (Guiné-Bissau), nativo de São Tome, no intuito de abrir uma agencia de Black Star line, e em 1923 duas pessoas foram presos em Moçambique por serem acusados de terem pertencido a UNIA. A primeira informação se comprova em um relatório de diplomata francês na Guiné portuguesa enviada ao ministro de ministério das colônias e segundo se consta em uma carta do comissário da policia de Beira, que comunica a prisão dos dois indivíduos suspeitos.

4.2 CASA DOS ESTUDANTES DE IMPÉRIO

Casa dos estudantes de império aberto em 1944 a 1965, amando da abertura assim como enceramento da sua porta se deu no regime salazarista, era uma casa criada para acolher os estudantes que provinham das colônias portuguesas espelhadas no mundo. No certo fazia parte de uma das estratégias de colonizador de educar as pessoas das colônias com vista poder facilitar a perpetuação da colonização ou o regime imperial.

Os estudantes que vinham das colônias eram filhos dos colonos brancos nascidos em África em seu maior números, filhos das pessoas que trabalhavam nas administrações coloniais e funcionários colônias, eram mais brancos com um pouco numero dos “mestiços”, entre estes estudantes da casa de império vão nascer os futuros lideres dos movimentos das lutas pelas independências dos países africanos da língua oficial português, Agostinho neto de Anglo (MPLA), Amílcar Lopes Cabral de Guiné-Bissau e Cabo-verde (PAIGC), Marcelino dos santos de Moçambique (FRELIMO) e os demais...

O regime do Estado Novo comandado por Salazar criou a Casa dos Estudantes do Império com finalidade de promover a mentalidade imperial e o sentimento nacionalista

português entre os estudantes das colónias. Mas isto veio ser contrario do que o regime salazarista poderia se esperar da casa dos estudantes do império. Foi nesta casa os estudantes que provinham das colónias alguns começaram a sua conscientização político, como vai colocar João Carlos no artigo publicado no jornal DW¹⁰, 13/10/2012, “o historiador Álvaro Mateus”, que foi membro do Conselho Fiscal da Casa dos Estudantes do Império entre 1960 e 1961, lembra-se de um artigo na revista Mensagem, o boletim mensal da Casa: “Por exemplo”, Amílcar Cabral, no nº 11 da revista Mensagem de 1949, ele (sic) publica um artigo com o pseudónimo de Arlindo António, que tem por título Hoje e Amanhã, em que diz o seguinte: Do caos surgirá um mundo novo e melhor, o que dignificará o homem preto ou branco, vermelho ou amarelo.

Devido questão de segurança os estudantes africanos de casa de império decidiram criar centro dos estudos Africano, Amílcar Lopes Cabral destaca como fundador em 1951, na verdade este centro dos estudos africanos nasceu na base de contato entre os estudantes de casa de império, mas propriamente o centro funcionou por um período de dois ou três anos, o qual veio encerrar suas atividades em 1953, funcionava na casa de Alda Espírito Santo, na Rua Actor Vale, era uma estrutura fechada que não tinha muita gente pela questão da segurança.

Certamente, devido ao PIDE (policia internacional da defesa de estado), estes estudantes africanos se encontravam lá mais nas finais de semanas discutiam problemas de discriminação racial, descolonização em África e entre outras.

4.3 CABRAL E REAFRICANIZAÇÃO

O colonialismo europeu em África durou por um tempo e percebe-se para que isso acontecesse várias estratégias serviu de adoção entre eles o conhecido “política de assimilação”, o qual foi decisivo na dominação efetivo de África. Política de assimilação em poucas palavras entende-se como uma das variantes de aculturação, ou seja, no contexto do colonialismo europeu política de assimilação levado a cabo pelos colonos europeus em África, se trata de um processo político do qual o colonizador procura apagar cultura dos

¹⁰ Jornal DW é a emissora internacional da Alemanha. Os programas de radio em português de DW dirigiam-se aos países africanos de língua oficial portuguesa, Guiné-Bissau, Angola, Moçambique, São Tome e Príncipe e Cabo-verde.

colonizados obrigando-os a adotar padrões culturais impostas, neste caso culturas europeias, em que se propõe transformar os colonizados culturalmente, politicamente e economicamente.

No entanto, entende-se, este processo não passa de mera política de sustentação da dominação europeia, agentes sociais, igrejas e a escola vão jogar um papel muito importante na concretização da mesma, no caso das igrejas os nativos africanos vão ser convertidos ao cristianismo, mexendo desta forma com seus fés e as escolas (educação) por sua vez vai ser realizado em base de interesse e realidade europeia o qual não abarca realidade local do colonizado, formando desta forma indivíduos a partir de uma perspectiva “eurocêntrica”.

O interesse educacional colonial compreende-se sua missão de apoiar na permanência do projeto colonial em África de tal forma os africanos nativos vão receber uma educação pela parte dos colonialistas de melhor poderem servir os interesses dos governos coloniais. Nota-se a proporção numérica menor em que este educação se realize.

“As missões católicas detêm o monopólio da educação dos pretendidos “não civilizados”. Segundo os acordos concluídos entre Portugal e o vaticano, esta educação deve estar “conforme os princípios doutrinários da constituição portuguesa e seguir a linha dos projetos e dos programas emanados do governo”. O que significa que 99,7% da população africana fica de ser impedida de frequentar as escolas laicas. Por causa deste monopólio católico, a influência de outras missões cristãs na educação é fraca. Em Angola, em Moçambique, e na Guiné, 99 da população é analfabeta”. (CABRAL, 1976, p.64).

Contudo, é um numero muito reduzido dos africanos a frequentar as escolas, mas percebe-se estes que vão ser considerados de assimilados de um modo geral, os quais por sua vez incorporam os valores culturais dos colonizadores. Distanciando da cultura local nativo considerado cultura de indígenas. Neste numero reduzido dos africanos que vai encontrar a pequena parte dos nativos africanos que vão compor o corpo dos funcionários públicos nas colônias. O famoso estatuto dos indígenas portugueses de província da Guiné, Angola e Moçambique decretada em 1954 e abolida 1961 justifica este fato, porque era uma lei que visava a política de assimilação dos indígenas.

Obviamente que neste período a escola tinha papel crucial no que diz respeito à realização de tal política de assimilação como assim o Cabral vai colocar, “toda educação portuguesa deprecia a cultura e civilização africano. As línguas africanas estão proibidas nas escolas. O homem branco é sempre apresentado como um ser superior e africano como um inferior, os conquistadores europeus descritos como santos e heróis e as crianças africanos adquirem um

complexo de inferioridade” (CABRAL, 1976, p. 64). Neste caso Cabral se trate de educação portuguesa em seu todo tanto em Portugal assim como nas suas colônias.

Percebe-se logo a partir dessa inquietação de Cabral, uma vontade de superação da política assimilacionista que estes eram alvos, ou seja, Cabral entende da dominação do qual eram alvos e como isso estava si dando. O seu ideal começa-se aproximar de um dos programas essencial de movimentos pan-africanistas, sem esquecer de que no mesmo período os escritores negros “negritude” já se haviam se pregando por uma emancipação cultural dos povos africanos. Estes se faziam isto através das manifestações culturais, poesias, poemas e demais, propunham uma reafricanização dos povos africanos e afros descendentes de igual modo estes exigiam para que a cultura dos povos africanos seja tomada como elemento da contribuição da cultura humana, assim valorizando as culturas dos povos africanos o qual oponha política de assimilação europeia.

Nesta lógica alguns chamados que visavam tal emancipação foram proferidos por pan-africanistas, Du Bois, nos Estados Unidos de América usou o termo identidade afrodescendente, ele advogou a necessidade de afrodescendentes de criar uma identidade afro-americano com base nas culturas dos povos africanos escravizados nos EUA visando torná-los como parte integrante da cultura Americano.

Os escritores negros na França em torno de movimento negritude usaram o termo reafricanização, Aime Cessaire, Leopold Sedar Senghor, Frantz Fanon e entre outros. Amílcar Lopes Cabral por sua vez vai usar o mesmo termo que haviam sido proclamados pelos pan-africanistas “re-africanização”, no documentário pan-africanismo e colonialismo português em África, “Nós com a criação do centro dos estudos africanos, queríamos re-africanizar-nos, pois o trabalho de assimilação portuguesa que exerceu a sua influência em nós, impedia-nos de conhecer as nossas raízes. E nós decidimos, em Lisboa, estudando, consultando livros, documentos, e reforçando contatos com nosso país, reencontrar a nossa origem Africana¹¹”, (CABRAL, Prt 3/20).

Percebe-se que o Cabral estava ciente sobre impacto que política de assimilação colonial teve sobre eles e como também o que deveria ser feita por parte deles sinalizando primeira coisa a respeito da superação da política de assimilação, e por outro lado também entende-se sintonia de Cabral de certa forma com os pan-africanistas e os escritores “negros

¹¹Fonte sobre (Cabral Prt 3/20) ___ documentário pan-africanismo e colonialismo português em África, disponível no youtube acessado em: 01/Nov/16

pan-africanistas” que debruçavam sobre culturas dos povos africanos a partir de uma perspectiva valorativa, porque se percebe que estes eram em uma grande maioria das pessoas que se escreviam sobre as culturas dos povos africanos “com proposito de valorização”, lembrando que estes reclamavam de que o povo africano deu contribuição importante para avanço da humanidade e para que as culturas destes sejam tomadas como algo benéfico e de extrema importância para humanidade, de tal forma, por certo modo entende-se que este tema era assunto de debate entre estudantes africanos sobre tudo os que se encontravam na Europa estudando incluindo o próprio Amílcar Lopes Cabral e os seus companheiros de casa dos estudantes de império em Lisboa.

O projeto de re-africanização em Cabral vai servir como inicio da sua conscientização política que mais tarde vai lhe fazer liderar luta da independência da Guiné-Bissau e Cabo-Verde e assim também como farão os seus companheiros de centro dos estudos africanos nos seus países, assim vai afirmar Ana Maria Cabral¹² em uma entrevista exibida no documentário pan-africanismo e colonialismo português em África. “eles começaram pela o que eles chamaram de reaficanização dos espíritos apesar de que nas nossas terras aquele tempo não se estudava nada da nossa terra, nem a geografia nem a história sobre as nossas terras era tudo sobre a geografia e a história de Portugal, história universal, nos sabíamos mais sobre Portugal do que as nossas próprias terras¹³”, (MARIA CABRAL, Prt 3/20).

Entende-se certo que o nacionalismo africano em Cabral se desenvolveu a partir do projeto de re-africanização levado cabo em Portugal na casa dos estudos africanos criado por ele mesmo e mais os seus companheiros estudantes africanos em Lisboa.

4.4 FRANTZ FANON E AMÍLCAR CABRAL: RECURSO À VIOLÊNCIA COMO FORMA DE LIBERTAÇÃO DO JUGO COLONIAL.

Pode se afirmar que é consensual entre muitos atores dos estudos feitos sobre dois grandes intelectuais negros Frantz Fanon e Amílcar Lopes Cabral em que lhes conotam como defensores da ideia de recorrência à violência como meio pelo qual o colonizado pode se libertar do colonizador neste caso se refere colonização, particularmente, dos países europeus

¹²Ana Maria Cabral viúva do Amílcar Lopes Cabral

¹³Fonte sobre (Maria Cabral Prt 3/20) ___ documentário pan-africanismo e colonialismo português em África, disponível no yutobe acessado no dia 01/Nov/16

aos demais países não europeus (Asiático, africano), os quais se encontravam sob o regime da colonização. Mas antes de prosseguir precisa-se ainda ilustrar quem são estes dois pensadores negros.

Começando por Frantz Fanon natural de Martinica, ex-colônia francesa na América central nasceu no dia 1925, psiquiatra de profissão, participou na luta pela independência de Argélia, enquanto este se encontrava lá de trabalho. Parece foi quem advogou primeiro pela adoção de violência (via armada) como meio pelo qual pode se conduzir a luta pela libertação de colonizado. Isso se deu no primeiro conferência do movimento pan-africano realizado em África, Gana 1958, (CLARE DRAKE, 2008, p.17).

Neste mesmo congresso Nkrumah então presidente de Gana e protagonista de tal evento, na sua fala mostrou a sua preocupação com o procedimento da luta pela independência do qual ele se optou para que os movimentos das lutas pelas independências se adotarem o modelo Ghandista, no caso que deveria ser luta pacífica através das marchas, manifestações políticos, greves e entre outras para que não seja pela via armada.

Assim vai afirmar o professor John Gibbs St. Clair Drake em uma entrevista transformada em um artigo publicado no jornal contributions in Black studies, lembrando-se da conversa que ele teve com uma pessoa que esteve presente naquele congresso quem lhe explicou o que ocorreu durante o evento.

“Ao responder Nkrumah Frantz Fanon criticou Nkrumah no chamando “non-violence”, dizendo que isso seria uma traição por parte deles aos seus irmãos que estavam morrendo pela luta de liberdade africana¹⁴”, (CLARE DRAKE, 2008, p.17).

E essa preocupação de Fanon se tornou em um dos temas centrais do debate¹⁵ que estendeu por uma semana de discussão ao ponto de assembleia acabou por tirar uma resolução que nela se diz: Em qualquer lugar que o colonialismo forçou violência contra nós somos obrigados a responder com violência como forma de nos libertar, com base em análise desta frase que aparece na resolução proferida pela assembleia, possa-se afirmar que este

¹⁴Citação original em inglês do professor John Gibbs St. Clair Drake, (CLARE DRAKE, 2008 p. 17).

As soon as that part of the session was over and the plenary sessions began, I had left, my wife stayed there and she came back and told me that a light-skinned man who looked like an American Negro or West Indian made a speech in French denouncing the whole conference call about non-violence, saying that this was a betrayal of his brothers who were dying for African freedom here today. Turned out this.

¹⁵Was Frantz Fanon. He was the Algerian delegate. His denunciation of non-violence set a conference theme that ran through the whole week: "What are we going to do about violence?," and they made a compromise. They didn't repudiate Nkrumah's call for non-violent positive action.

argumentando faz-se lembrar de que os contextos de colonização não ocorrem no mesmo grau, ou seja, são diferentes contextos em que estas se realizam.

Porém, esta deve ser combatida de formas distintas, sublinhando que os colonizados devem adotar toda qualquer forma aqui estes podem a se libertar do jogo colonial, desde já que vão livrar da dominação colonial. Portanto neste caso os movimentos que optaram pela via armada (violência) tratamentos sobre estes devem ser analisados de acordo com os seus contextos da colonização e este análise não deve tender por comparação aos demais que não optaram por vias armadas como forma de classificação.

Amílcar Lopes Cabral por sua vez, nascido no dia 12 de setembro de 1924 em Bafata, Guiné-Bissau, filho dos imigrantes cabo-verdianos, engenheiro agrônomo de profissão, político, fez os seus estudos primários em cabo-verde e superior em Lisboa, capital de metrópole do império português na época. Principal líder e um dos membros fundadores do partido africano para independência de Guiné e Cabo-Verde (PAIGC). O partido esse que conduziu os dois países para suas independências, Guiné-Bissau em 24 de setembro de 1973 proclamado unilateralmente e só veio ser reconhecida pela autoridade portuguesa um ano depois, isto é em 1974, e Cabo-Verde em 05 de julho de 1975. Os dois grandes acontecimentos infelizmente se ocorreram depois da morte (assassinato) de Abel Djassi (Amílcar Lopes Cabral).

Como já é muito bem tratado sobre o processo de colonização portuguesa pelos muitos o qual Portugal é considerado como o país que mais retardou para conceder as independências as suas colônias em África no caso seria seguintes países: Angola, Moçambique, São tome e Príncipe, Cabo-verde e Guiné-Bissau. Em comparação com os demais países africanos de outras colônias britânico e francófono que por sua vez muitos deles se encontravam formalmente independentes nos anos 1960, por exemplo, (Senegal, 04/04/1960) assim também como caso de (Guiné-Conakry, 02/10/1958) e demais países...

Podemos assim concluir em afirmar de que o Portugal se retardou por mais de uma década de dar independências suas colônias em África, Guiné-Bissau formalmente, em 1974, e foi o primeiro a se tornar independente e seguida por demais países Cabo-verde, Angola, Moçambique e São Tome e Príncipe ambos em 1975.

No contexto internacional quando começou os processos das independências das colônias em África por parte das potências europeias no caso da Inglaterra e França a partir do início dos anos 1950, antecedido por resolução da conferência das nações unidas de 1945, em

que ONU garante soberania para os povos colonizados neste caso começou se abrir a porta para independências dos povos. Portugal no ano 1951 declarou de não possuir colônias em África, mas sim territórios ultramar (províncias), transformando suas colônias da África em territórios portugueses do além-mar, “nação multirracial e pluricontinental”.

Ora, se o processo da independência era algo difícil de conseguir por parte dos nativos das colônias portuguesas em África (africanos), se agravou ainda mais com essa nova deliberação de autoridade imperial portuguesa. O que se pretende com este ilustração do contexto colonial portuguesa em África neste trabalho? É obvio que se pretende mostrar a complexidade da colonização portuguesa o qual lhe pode deferir das outras colonizações em África, assim mostrando premissas pelo qual Cabral e os demais líderes dos movimentos pelas independências dos países africanos da colônia portuguesa serão obrigados optar por uma forma diferente da luta pelas independências.

Esta forma pode ser resumida em um sentido básico e chamada de violência pelos muitos (via armada). O partido criado pelo Cabral e mais seus companheiros PAIGC, desencadeou uma luta armada contra o regime colonial português nas matas de Guiné que durou 11 anos e culminou com as independências dos dois países. Este fato levou com que muitos se aproximam o Cabral da violência, diferenciando lhe de outros líderes sob forma de hierarquização exemplo, uns fazem comparação dele com líder senegalês Leopold Sedar Senghor quem conseguiu a independência do seu país pela “via pacífica”.

Existe-se muito de confirmar através de análise bibliográfico dos escritos de Cabral para afirmar de que a sua luta pode ser dividida em dois períodos em que um caracteriza-se como momento da luta pacífica isso se deve desde fundação do partido que é datado de 1956, mas há pessoas que contestam esta data de fundação de PAIGC, mas sim, alegam que é nos anos de 1960. “Mario de Andrade forneceu a mais importante pista que, sob diversos ângulos, invalida a tese da historiografia do PAIGC, que ele próprio ajudou a erigir ao longo dos tempos. Se escreveu que nem MING, nem o MLG, criados, respectivamente, em 1955 e em 1958, reuniam condições para responder a máquina colonialista, é porque sabia-o bem, o PAI (PAIGC) não existia antes de 1960”, (SANTOS, 2014, p.288).

Importante para este trabalho não se pretende discutir propriamente sobre a data de fundação do PAIGC sem pretendendo minimizar sua importância, mas sim é pela questão da delimitação de discussão que o texto se propõe, se vejamos bem, o Cabral através do seu partido PAIGC emitiu inúmeras cartas, memorandium, carta ou nota aberta ao governo

colonial português e estas se datam em um período anterior a 1963 que é início da luta armada estes podem ser encontradas nos seus escritos compilados e organizadas pelo seu companheiro angolano Mario Pinto de Andrade que resultou em dois livros unidade e luta I e II, no livro unidade e luta II a pratica revolucionaria, (CABRAL, 1977, p.27,33). O governo português recusou conversar (negociar) com o PAIGC e intensificou a sua política de repressão colonial e perseguição aos membros do partido.

Baseando neste fato, afirma-se que a luta pela libertação da Guiné-Bissau e Cabo-verde levado ao cabo pelo partido liderado por Amílcar Lopes Cabral ocorreu em duas fases (pacífica e via armada), a primeira fase pacífica, com amparo nos fatos acima citadas se deu desde fundação do PAIGC, e é justificada pelas cartas, notas abertas e memorandium enviadas ao governo português pelo PAIGC, propondo negociações para independência e a segunda fase via armada se começou logo com início da luta armada em 1963, e este início da luta armada também não significou a falta de vontade de negociar independência com governo colonial português pela parte do PAIGC.

Deste modo via armada serviu como único meio que restava para que realizasse a luta pela libertação dos seus países “emancipação do povo africano”, abarcando assim no ideal defendido por Frantz Fanon no congresso pan-africano de 1958, Gana, que advogava para que os povos africanos usassem de todos os meios que sejam obrigados a se livrassem do jogo colonial. É de salientar também que Amílcar Cabral participou no II Congresso Pan-Africano em Tunes, em Janeiro de 1960, ainda sob o pseudônimo de (Abel Djassi), como vai ser encontrado em (SILVA, 2008, p. 17) ¹⁶.

Neste mesmo congresso pan-africano de Túnis 1960, por influencia e pressão de Frantz Fanon e de alguns países tais como de Camarões, Gana e Congo que o movimento africano anticolonial (MAC) o qual Daniel Santos chamou de Associação dos militantes anticolonial, vai ser transformada na Frente Revolucionaria Africana para independência nacional das colônias portuguesas (FRAIN), constituída pelo MPLA, UPA e PAI (mais tarde PAIGC).

FRAIN teve como o seu presidente Amílcar Lopes Cabral do qual se fez representar em China com alguns dos seus companheiros da mesma organização, em julho de 1960 e assim também como em Londres Dezembro do mesmo ano. Nesta ultima de Londres foi uma

¹⁶ SILVA, António E. Duarte. Apresentação, p. 17. In; CABRAL, Amílcar. Documentário (textos políticos e culturais). P. 9-23, Lisboa: Edições Cotavia, 2008. Fonte da informação Cabral sob pseudônimo de Abel Djassi em Túnis 1960.

conferencia realizada no qual FRAIN exige Portugal o cumprimento das resoluções de ONU, como vai colocar o Daniel Santos ao citar Mario Pinto de Andrade. “Nós lançamos a Portugal um desafio perante a opinião internacional, declarando que se o governo português não aceitasse as resoluções da ONU (...) nós (...) devíamos encarar o recurso à ação direta”, (SANTOS, 2014, P.191).

4.5 IDEIA DE UNIDADE EM CABRAL

A ideia de unidade em Cabral percebe-se que ela opera em dimensões e estes podem ser agrupados em diferentes níveis, local (internamente), estatal (de Guiné e Cabo-Verde) e continental (África), mas ambos se usufruem do mesmo argumento base, ou seja, na ideologia Cabralista base do seu argumento pela questão de unidade vai servir para todos os níveis (unirmos para vencer colonialismo europeu). Levando em conta de que o colonialismo português aproveitou bastante das contradições existentes nas sociedades Africanas o qual por sua vez vai alimentar para melhor poder se reinar.

A unidade defendida por Cabral vai se inscrever na perspectiva de lutar contra dominação e subjugação dos povos africanos pelas forças europeias. Imprimindo desta forma as teorias cunhadas pelos pan-africanistas “unir povos africanos com vista sua emancipação”, os mais conhecidos pan-africanistas desta causa Marcus Garvey e Du bois. O escritor e nacionalista angolano Mario Pinto de Andrade reservou um capítulo no seu livro intitulado as origens do nacionalismo angolano, a estes dois grandes pensadores no qual denominou o capítulo de: “Dois arquétipos de libertação do homem Negro: Du bois e Marcus Garvey,” (ANDRADE, 1998, p.161). Deste modo percebe-se que o Cabral foi antecedido na teoria que visa união dos povos africanos (negros) sob auspícios da sua emancipação. Porém, a dimensão máxima da união dos povos africanos nas teorias de Cabral se limitava no nível do continente africano.

Pode-se agora voltar falar dos níveis das dimensões do ideal de unidade advogado por Amílcar Lopes Cabral, mas antes de avançar percebe-se que seria importante fazer uma abordagem sobre os dois países no que concerne as suas formações do qual Cabral lutou pelas suas independências assim também como pelas suas unidades orgânicas o projeto tão conhecido “unidade de Guiné e Cabo-verde”, um dos programas essenciais do seu partido PAIGC (partido africano da independência de Guiné e Cabo-verde).

Guiné-Bissau é um país que fica situado na África, constituída por diferentes grupos étnicos, antes da chegada dos colonizadores portugueses era um reino que pertencia império de Mali, reino de Gabu, posteriormente veio passar a fazer parte do território de domínio português denominada de Guiné portuguesa fato esse que veio se findar só com independência da mesma proclamada em 1973 e reconhecida em 1974 pela autoridade colonial português. Passou-se a ser república de Guiné-Bissau, fica situado na costa ocidental da África, faz fronteira ao sul e leste com república de Guiné-Conacri e ao norte com república do Senegal, banhada a oeste pelo oceano atlântico.

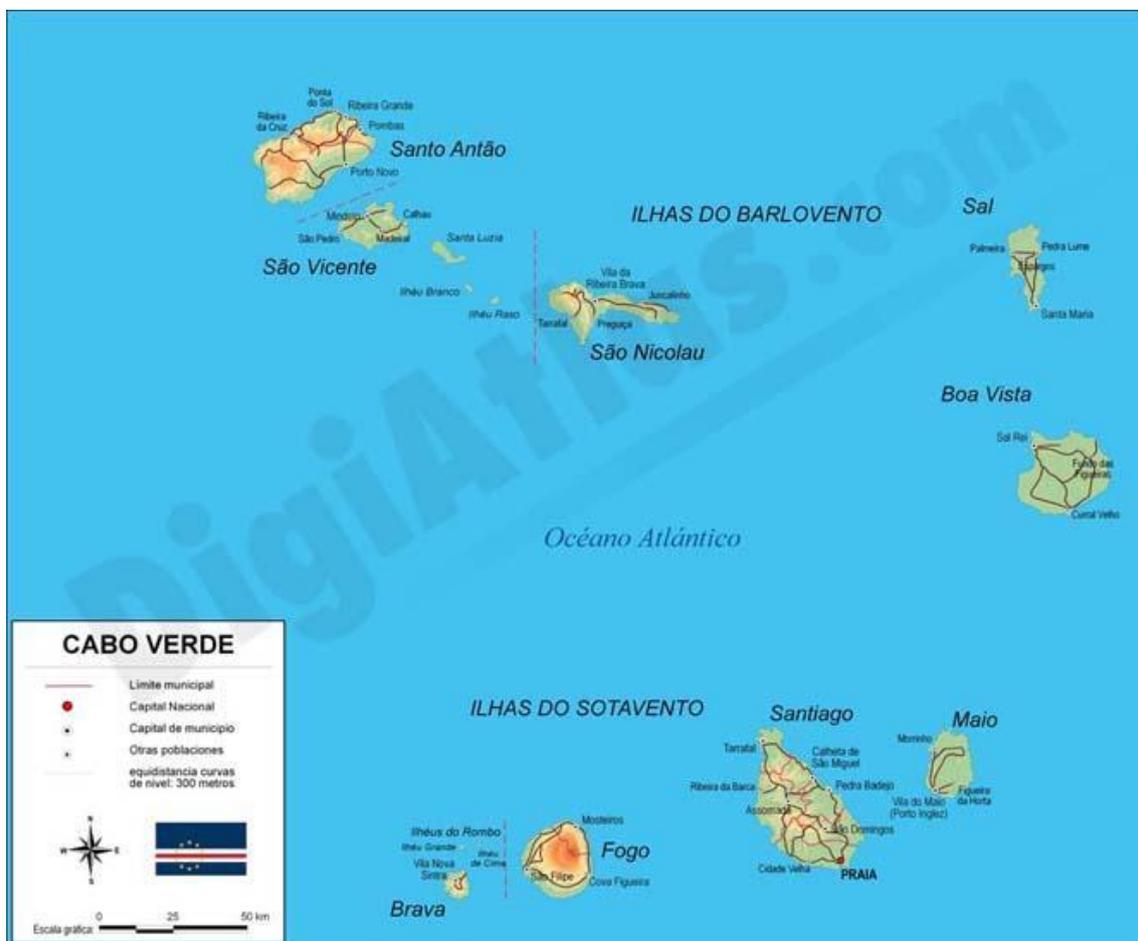
Figura 4 - Mapa da Guiné-Bissau



Fonte: <http://pt.mapsofworld.com/guinea-bissau/> acessado em: 02/Nov/16

Cabo-Verde um país africano que fica situado no meio de atlântico, formada por dez ilhas sendo seis (6) habitadas, segundo história oficial, as ilhas que fazem parte de Cabo-verde hoje eram desabitadas antes da chegada dos portugueses, começou a serem ocupados a partir do século XVI e isto se deu quando alguns colonos instalaram ali para poder manter trocas comerciais que se realizavam com os reis da parte de costa da África continental. Grande maioria da população cabo-verdiana é descendente das pessoas escravizadas trazido de Senegambia, hoje atual Guiné-Bissau, Senegal, Gambia e Serre leoa, Sobre tudo de atual Guiné-Bissau.

Figura 5 - Mapa de Cabo Verde



Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=MAPA+POLITICO+DE+CABO-VERDE&biw=1366&bih=640&tbm=isch>, Acessado em: 02/Nov/16

Como vai reconhecer Propriamente o Cabral este fato, “com escravos arrancados à África, sobretudo à Guiné, os escravagistas e colonialistas portugueses criaram um entreposto

de tráfico negreiro em Cabo-verde, Libertos de escravatura os africanos de Cabo-verde conquistaram, com base no seu trabalho, o direito a dispor de si mesmos e de todos os recursos do arquipélago que hoje a sua pátria. Mas os colonialistas portugueses não reconhecem aos cabo-verdianos o direito a construir eles próprio, na liberdade e na independência nacional uma vida de progresso em que jamais serão vítimas da exploração, de miséria e da fome.” (CABRAL, 1977, P.19).

No que se trata das dimensões dos níveis, entende-se começar por nível local, ora em Guiné como é tratado ela é composta por diferentes grupos étnicos em que estes muitas vezes se entravam em conflitos as guerras de pacificação podem justificar isso, percebe-se que estes se identificavam somente com identidade étnica, porém talvez que as suas convivências não era algo solida com isto se pretende dizer que o nacionalismo Bissau-Guineense era provavelmente algo inexistente, o qual pode começar ser construída a partir dos anos 50, mas só veio ser forjado na base de luta pela independência.

Entende-se que nos tempos de Cabral este algo deve ter começado a mudar em que podia se falar de um nacionalismo guineense mais isso seria é uma escala menor, FLING (frente de luta da independência nacional de Guiné) partido criada em Guiné nos anos 60, formada maioritariamente pela etnia manjaco, não teve grande sucesso na mobilização das demais etnias, razão esse que justifica um numero esmagadora de uma só etnia a volta de FLING.

Amílcar Lopes Cabral através do seu partido PAIGC desenvolveu política de mobilização das massas camponeses de diferentes etnias para seu partido, ele argumentava de que todos eles eram vítimas da dominação estrangeira “colonização”, não importava as diferenças étnicas ambos eram explorados e subjugados e a união destes acabaria com dominação estrangeira. No qual o seu partido adotou “unidade e luta” como divisa. Só juntos poderiam derrotar os colonialistas nenhuma etnia pode fazer isso isolada. Como pode analisar estrofe de uma canção¹⁷ dos guerrilheiros do PAIGC em crioulo. Cantada até dias de hoje nas grandes reuniões do PAIGC.

¹⁷Canção- unirmos para amarmos, unirmos para lutarmos para construir a nossa terra em todos os lugares tio Demba (Amílcar Lopes Cabral) está dizer isso para pessoas tio Demba está dizer isso para pessoas.

*Crioulo*¹⁸

“pano uni

pano mama

pano uni

pano luta panô cumpu no terra”

tio Demba (Amílcar Cabral) bu na conta djinti tudo lado tio Demba

PAIGC conseguiu fazer com que a luta pela independência seja aderido como uma luta nacional o qual quase todas as etnias locais aderiram com um único propósito libertação total de Guiné e Cabo-Verde.

A respeito do nível estatal Amílcar Lopes Cabral defendeu fortemente a ideia de unidade da Guiné-Bissau e Cabo-Verde, “Mas não existe um problema verdadeiro de lutar pela unidade de Guiné e Cabo-Verde, porque, por natureza, pela história, pela geografia, por tendência econômica, por tudo, até por sangue, a Guiné e Cabo-Verde são um só, só quem for ignorante é que não sabe disso”, (CABRAL, 1976, p.128).

Percebe-se que esta afirmação de Cabral tendo em conta a história de povoação de Cabo-verde, aproxima-se por outro lado de programa pan-africanista, união dos povos africanos separados pela história, assim vai ele mesmo por diante dizendo, “os tucas estão desesperados então são eles mesmos que hoje nas suas revistas, como esta, que se chama (Ultramar), tem grandes artigos estudando a Guiné e ilhas de Cabo-Verde a sua unidade histórica e populacional. E sabem quem fez esse artigo? Carreira, porque ele conhece de fato muitos problemas de história, neste artigo ele reuniu todos os documentos que há nos arquivos dos tucas e estudou para onde que os filhos de Guiné foram, quando foram enviados para Cabo-Verde. Para S. Tiago? Balantas, mandingas, beafadas etc.. Para S. Vicente? Foram Fulas etc...” (CABRAL, 1976, p.129).

No nível continental entende-se que o seu argumento está ligado mais na necessidade de África¹⁹ unir-se contra dominação estrangeira não só no campo político, mas assim também no campo econômico, pela questão de segurança e por último pela questão de

¹⁸ Crioulo da Guiné é uma língua formada de base radical português falada em Guiné-Bissau, mas existem também outras línguas crioulas que se falam em outros países. Exemplo de Cabo Verde, São Tome e Príncipe, Haiti...

¹⁹As fases desenhadas por Cabral dos quais a união africana possa-se realizar, a liquidação total do colonialismo e das suas sequelas, a conquista prévia da independência nacional de cada país ou colônia, a transformação das estruturas econômicas e sociais e a aproximação das novas estruturas criadas nos países, deverão, na nossa opinião, constituir a base fundamental da realização da unidade africana,” (CABRAL, 1976, p.193).

continuidade de povo africano. Assim vai colocar “somos pela unidade africana, à escala regional ou continental, como meio necessário para construção do progresso dos povos africanos, para garantir a segurança e a continuidade deste progresso. Estamos convencidos de que o problema da unidade africana deve ser encarado com todo o sentido das realidades e que não se realizará de um dia para o outro, mas sim por fases,” (CABRAL, 1976, p.193).

Figura 6 - Amílcar Lopes Cabral e guerrilheiros do PAIGC no rio da Guiné zonas libertadas



Fonte: Disponível no Google GBISSAU.COM, acessado em: 14/Nov/16.

Figura 7 - Cabral nas matas de Guiné-Bissau (zonas libertadas) com as mulheres combatentes de liberdade da pátria do seu partido PAIGC



Fonte: Disponível no Google GBISSAU.COM. Acessado em: 03/Nov/16.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assegura-se que pan-africanismo tem durado mais do que um século, aproximadamente 200 anos de existência e tendo sua origem na diáspora africana, concretamente nas igrejas católicas dos Estados Unidos de América. A ideologia pan-africanista é fruto ou resultado de fato histórico e social da sociedade colonial da época, os negros na diáspora foram vítimas de segregação. Percebe-se através da literatura que as manifestações pan-africanistas começaram dentro das igrejas Alexander Crummell e Blyden entre outros são exemplos disso, o pan-africanismo como um movimento político que visa emancipação do povo negro no aspecto político, econômico e cultural, vai servir de ideologia política por muitos intelectuais negros. Marcus Mosiah Garvey e Du Bois vão se destacar como os mais populares pan-africanistas que o mundo já chegou de assistir.

Percebe-se que é muito importante sinalizar existência de um algo comum entre pan-africanistas que seria “autonomia do negro“. Em outras palavras podemos assim dizer neste contexto, “liberdade”, é obvio na literatura torna-se evidente nas teorias defendidas por estes pan-africanistas o questionamento sobre “autonomia do negro”. Estes desejavam a “libertação” do homem negro. Com relação isso, o congresso pan-africano de 1945 vai ser de grande importância para libertação dos países africanos. Assim também como vai servir de ponte para pan-africanismo de Europa para África, querendo assim dizer após este congresso o pan-africanismo vai começar a chegar África ou o seu impacto na África vai começar ser visto. Kwame Nkrumah, Jomo Kenyatta e entre outros vão ser os seus percursores em África, o Nkrumah por si vai ser o seu principal precursor. Percebe-se que a ideologia pan-africanista vai fazer nascer o espírito do nacionalismo africano entre estes pan-africanistas vai nascer os nacionalistas africanos com visões pan-africanistas, que é caso de líder da independência de Guiné e Cabo-verde Amílcar Lopes Cabral.

Entende-se que visão pan-africanista em Cabral é a Luz do dia se partimos pelos os dois mais importantes conceitos usados por ele durante os seus percursos políticos, reafricanização e unidade, o último serviu da divisa do seu partido “unidade e Luta”, estes nos justificam suas visões pan-africanistas, Cabral explicou claro, a necessidade de se reafricanizarem e estas explicações revelam ideias pan-africanistas, de igual modo ele criou o centro dos estudos africanos em Lisboa, só o fato de ele nomear o tal centro de “centro dos estudos africanos” e não outro nome, já tem um grande significado no que concerne ao pan-

africanismo. Percebe-se que a criação deste centro pode se tornar como uma das suas contribuições para o pan-africanismo na África lusófona neste centro vão passar os futuros líderes das lutas pelas independências dos países africanos de colônia portuguesa os quais se conheciam na casa dos estudantes de império em Lisboa.

Por fim, a unidade vai servir como o seu principal instrumento da mobilização das massas populares para luta de libertação, no caso da Guiné em particular ele apelou por uma unidade de todas as etnias para luta de libertação fazendo deste como programa mínimo do seu partido que deveria ser de toda população em geral assim como vai fazer o mesmo com os cabo-verdianos apelando-os para que estes se juntassem aos guineenses nas matas de Guiné para combater força estrangeira nos dois países de tal forma após independências para que estes países se juntassem e formarem um estado. Por último, percebe-se Cabral preocupado com o neocolonialismo a semelhança do seu companheiro Kwame Nkrumah, advogou por uma unidade em África ate na formação de governo central ou regional. Nos quais estes se poderão ser blocos fortes, na base de interesse de todos.

Para finalizar seria necessário ressaltar lista de nomenclaturas dos movimentos de libertação pan-africanistas o qual se coloca PAIGC entre eles, partido fundado por Amílcar Lopes Cabral e mais os seus companheiros.

Center for African Studies (CAS)

Partido Africano da independência de Guiné e Cabo-Verde (PAIGC)

African Revolutionary front (FRAIN)

Conferência das Organizações Nacionais das colônias portuguesas (CONCEP)

Comitê de libertação dos territórios africanos sob o domínio Português (CLTASDP)

All African Peoples Conference

African Nationalist Congress (ANC)

Movimentos de libertação com nomenclaturas pan-africanistas (LOPES, 2011, p.172).

REFERÊNCIAS

- ADI, Hakim and **SHERWOOD**, Marika, **Pan-African History**, Routledge, 2003
- ANDRADE, Mario Pinto, **Origens de nacionalismo angolano**, Lisboa, Dom Quixote, 1998.
- ANDRADE, Mario Pinto. **Origens de nacionalismo angolano**, Lisboa, Dom Quixote, 1998.
- BLYDEN, W. Edward, **Christianity, Islam and the Negro Race**, United States of America, Black Classic Press 1994, 2013.
- DU BOIS, W. E. B, **As almas do povo negro**, tradução e notas de Jose Luís de Pereira, Porto Alegre, 1998.
- DUFFIELD, Lan PHD thesis, **Dusé Mohamed Ali and the development of pan-Africanism (1866-1945)**, Edinburgh University, October 1971.
- DUODU**, Cameron, **Edward Wilmot Blyden: grandfather of African liberation**, Inglaterra, 26 January 2014.
- GARVEY, Mosiah Marcus, **Estrela preta**, Brasil, Sístah Luisa Benjamim, 2010.
- LOPES CABRAL, Amílcar. **Unidade e Luta II**, Lisboa, Empresa de publicidade Seara Nova, S.A.R.L, 1977.
- _____. **Unidade e Luta II**, Lisboa, Empresa de publicidade Seara Nova, S.A.R.L, 1977.,
- _____. **Unidade e luta I**, Lisboa, Empresa de publicidade Seara Nova, S.A.RL, 1976.
- _____. **Unidade e luta I**, Lisboa, Empresa de publicidade Seara Nova, S.A.R.L,1976.,
- LOPES**, CARLOS, **Desafios contemporâneos da África: legado de Amílcar Cabral**, São Paulo, editora Unesp, 2011.
- LOPES**, João. Quem Somos - DW África | DW.COM disponível em: <http://www.dw.com/pt-002/explore-a-dw/quem-somos/s-35880228>, acessado em: 24/OUT/16.
- MALOMALO, Bas ́Ilele, **Movimento da negritude e as lutas libertárias africanas**, In: SILVA, Gerson Gonçalves da; MALOMALO, Bas ́Ilele. **Às margens do Atlântico Sul: Reflexões Negras**. São Paulo: Factash, 2010, p. 63-72.
- MOSES, Wilson Jeremiah, **ALEXANDER CRUMMELL: A Study of Civilization and Discontent**, New York, Oxford university press 1989.
- MUNANGA, Kabenguele, **Negritude usos e Sentidos**. São Paulo: Autêntica editora, 2009.
- NKRUMAH, kwame, **A luta de classes em África**. Lisboa, livraria Sá da costa limitada, 1976.

NKRUMAH, kwame, **Neocolonialismo último estágio do imperialismo**, Rio de Janeiro, civilização brasileira, 1997.

PINTO DE ANDRADE, Mario, **Origens de nacionalismo angolano**, Lisboa, Dom Quixote 1998.

SANTOS, Daniel. Amílcar Cabral: **Um outro olhar**, Lisboa, Chiado Editora, 2014.

SHEPPERSON, George and CLARE DRAKE, St. John Cribbs. **The Fifth Pan-African Conference, 1945 and the All African Peoples Congress, 1958**

SHEPPERSON, George and DRAKE, St. Clare (1986) "The Fifth Pan-African Conference, 1945 and the All African Peoples Congress, 1958," *Contributions in Black Studies*: Vol. 8, Article 5. Available at: <http://scholarworks.umass.edu/cibs/vol8/iss1/5> acessado em 09/Set/16.

SHEPPERSON, George and **DRAKE**, St. Clare (1986) "The Fifth Pan-African Conference, 1945 and the All African Peoples Congress, 1958," *Contributions in Black Studies*: Vol. 8, Article 5. Available at: <http://scholarworks.umass.edu/cibs/vol8/iss1/5> acessado em: 09/Set/16

LINKS ACESSADOS

LEWIS, Lester Jun 1, 2002---- <http://www.thefreelibrary.com/George+Padmore+-+the+forgotten+man+of+history%3a+on+13+June%2c+th->
<http://africanhistory.about.com/od/panafricanists/a/DuseMohamedAli.htm>, Acessado em 11/AGO/16

Marcus Garvey – Wikipédia, a enciclopédia livre disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Marcus_Garvey, acessado 13/AGO/16

<http://africanhistory.about.com/od/panafricanists/a/DuseMohamedAli.htm>,
Acessado em: 15/AGO/16

Adib Rashad (RashadM@aol.com)
http://www.raceandhistory.com/historicalviews/Pan_African_Nationalists.htm

By Awareness Times Aug 3, 2006, 18:48, **Edward Wilmot Blyden: Father of Pan Africanism** (August 3, 1832), disponível em:
<http://news.sl/drwebsite/exec/view.cgi?archive=3&num=148>, acessado em: 17/SET/16

https://en.wikipedia.org/wiki/George_Padmores_Biography_of_George_Padmores_to_February_7,_1912, acessado em: 30/AGO/16

MAKAIANI, minkan, <http://exhibitions.nypl.org/africanaage/essay-pan-africanism.html>
Acessado em: 25/AGO/16

STEPHEN, Thompson <ThompsonS@wpunj.edu> bublished Mon Jun 6, 2011
https://en.wikipedia.org/wiki/Alexander_Crummell <http://www.blackpast.org/gah/edward-wilmot-blyden-1832-1912>, Acessado em: 04/SET/16

Kwame Nkrumah – Wikipédia, a enciclopédia livre.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Kwame_Nkrumah,

Kwame Nkrumah, o pai do Pan Africanismo - Correio Nagô, disponível em:

<http://correionago.ning.com/profiles/blogs/kwame-nkrumah-o-pai-do>, acessado em: 10/OUT/16

História e Biografia de Kwame Nkrumah, Disponível em:

<http://www.ahistoria.com.br/biografia-de-kwame-nkruma>, acessado em: 12/OUT/16

Biografia de W.E. B Du Bois, disponível em:

https://pt.wikipedia.org/wiki/W.E.B._Du_Bois, acessado em: 15/SET/16

W.E.B. Du Bois - The father of modern Pan-Africanism? Disponível em:

<http://newafricanmagazine.com/web-du-bois-the-father-of-modern-pan-africanism/> acessado em: 16/SET/16